UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JUANA D'ARC OLIVEIRA GUERRA

AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES, AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAMÍLIAS

Orientadora: Prof. Drª. Nara Liana Pereira Silva

JUIZ DE FORA
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira Guerra, Juana D'Arc.
AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES, AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAMÍLIAS / Juana D'Arc Oliveira Guerra. -- 2024.
78 p.

Orientadora: Nara Liana Pereira Silva
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024.

1. autoestima. 2. mídias sociais. 3. estilos parentais. 4. adolescência. I. Liana Pereira Silva, Nara, orient. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JUANA D'ARC OLIVEIRA GUERRA

AS INTER-RELAÇÕES ENTRE A AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES, AS MÍDIAS SOCIAIS E AS FAMÍLIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Área de concentração: Desenvolvimento Humano e Processos Socioeducativos.
Orientadora: Profa. Drª. Nara Liana Pereira Silva

Orientadora: **Profa. Drª. Nara Liana Pereira Silva**
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profa. Drª. Larissa Medeiros Marinho dos Santos
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Drª. Marisa Cosenza Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

JUIZ DE FORA
2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Aparecida de Oliveira Rocha Guerra e Celio Guerra de Faria, por tudo que fizeram para que eu tivesse a chance de chegar em uma Universidade, pelo apoio durante toda a trajetória da graduação e incentivo para que eu seguisse estudando e buscando qualificação profissional. Aos meus irmãos, Francisco e Karine, por sempre torcerem pela minha felicidade e realização.

Agradeço as minhas amigas e colegas de turma, Amanda Lutz e Taís Macedo, por me ampararem e trilharem junto comigo todo este processo. Sem dúvidas, vocês tornaram tudo melhor. Ao meu amigo Leonardo, que sempre esteve presente para me ajudar e tornar esse projeto possível de ser concluído. Aos meus demais amigos, que sempre me ouviram e se preocuparam com a minha saúde e felicidade ao longo dessa jornada, agradeço pelo carinho e preocupação.

À Professora e Orientadora Nara, pela calma, respeito e sensibilidade ao se deparar com minhas dificuldades e por todo conhecimento compartilhado. As Professoras Doutoras Marisa Cosenza Rodrigues e Larissa Medeiros Marinho dos Santos pelo tempo e cuidado investidos na análise do meu trabalho e pelas importantes contribuições para o meu desenvolvimento acadêmico.

Aos meus queridos pacientes, por compreenderem os momentos em que precisai me dedicar à minha vida acadêmica, aos colegas de trabalho do Colégio e Curso Nota 10 pela cooperação, apoio e torcida para que eu recebesse este título.

Agradeço aos alunos e pais que aceitaram fazer parte desta pesquisa e confiarem em meu trabalho. Também sou grata aos alunos da graduação Ana Clara e Jean e ao aluno do Doutorado Humberto Pereira por me auxiliarem com paciência e carinho. Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Federal de Juiz de Fora pela oportunidade de realizar um dos meus projetos de vida.

RESUMO

A autoestima pode ser definida como a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, expressando uma atitude de aprovação ou de desaprovação de si. As características individuais, o ambiente social e a sociedade atuam de forma sistêmica na formação da autoestima, tendo em vista que a forma de se avaliar e formar uma opinião sobre si mesmo ocorre por meio de interações com outros indivíduos. Com o avanço tecnológico e o surgimento das mídias sociais, os adolescentes passaram a interagir de forma constante no ciberespaço, sobretudo após a pandemia da COVID-19. Pesquisas apontam que o uso constante de mídias sociais tem favorecido a comparação e contribuído para o desenvolvimento de baixa autoestima, falta de identificação com os pares, ansiedade, depressão, insatisfação corporal, entre outros, tornando-se cada vez mais importante o monitoramento e a comunicação clara entre os adolescentes e seus responsáveis, para que o uso dessas mídias se estabeleça de forma consciente e saudável. Portanto, faz-se necessária a realização de pesquisas na área, especialmente no contexto brasileiro, afim de elucidar o estado da arte e promover qualidade de vida para estes jovens. O objetivo deste estudo é investigar o uso de mídias sociais por adolescentes, o consumo de conteúdos destas mídias relacionando com níveis de autoestima, bem como associar os estilos parentais com o nível de autoestima dos adolescentes. A pesquisa contou com 104 adolescentes, de 14 aos 19 anos que estavam matriculados no ensino médio regular da rede pública e privada do município de Juiz de Fora, Minas Gerais. A primeira etapa da pesquisa foi realizada com a aplicação coletiva da Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) e do Questionário sobre o uso de Mídias Sociais. A segunda fase ocorreu com a participação de um dos pais para o preenchimento do Questionário sobre o uso de Mídias Sociais adaptado para Pais, o Questionário de Estilos Parentais – PAQ e o Questionário de Caracterização Familiar. Após a coleta, os dados foram analisados com o auxílio do software Jamovi para a redação da dissertação. Os resultados apresentaram que o nível de autoestima dos meninos não é representado pela curva normal, ou seja, alguns pontuaram autoestima muito baixa e outros pontuaram autoestima muito alta. Já as meninas, apresentaram, em sua maioria, autoestima dentro da média. Foi possível observar a relação de efeito significativo sobre o tempo gasto com a família e o uso do celular, demonstrando que os adolescentes reconhecem que o uso do aparelho atrapalha este vínculo. Não foi apresentada associação entre o estilo parental e o nível de autoestima dos participantes, uma hipótese para este resultado pode ser o baixo número de pais que participaram da pesquisa.

Palavras-chave: autoestima, mídias sociais, estilos parentais, adolescência.

ABSTRACT

Self-esteem can be defined as an individual's evaluation of themselves, expressing an attitude of approval or disapproval. Individual characteristics, the social environment and society act in a systemic way in the formation of self-esteem, given that the way of evaluating and forming an opinion about oneself occurs through interactions with other individuals. With technological advances and the emergence of social media, teenagers have started to interact constantly in cyberspace, especially after the COVID-19 pandemic. Research shows that the constant use of social media has favored comparison and contributed to the development of low self-esteem, lack of identification with peers, anxiety, depression, body dissatisfaction, among others, making it increasingly important to monitor and communicate clearly between adolescents and their guardians, so that the use of these media is established in a conscious and healthy way. It is therefore necessary to carry out research in this area, especially in the Brazilian context, in order to elucidate the state of the art and promote quality of life for these young people. The aim of this study is to investigate the use of social media by adolescents, the consumption of content from these media in relation to levels of self-esteem, as well as to associate parenting styles with the level of self-esteem of adolescents. The study included 104 adolescents aged 14 to 19 who were enrolled in regular public and private high school in the municipality of Juiz de Fora, Minas Gerais. The first stage of the research was carried out with the collective application of the Rosenberg Self-Esteem Scale (RAS) and the Questionnaire on the use of Social Media. The second stage involved one of the parents filling in the Social Media Use Questionnaire adapted for Parents, the Parenting Styles Questionnaire (PAQ) and the Family Characterization Questionnaire. After collection, the data was analyzed using Jamovi software to write the dissertation. The results showed that the boys' level of self-esteem is not represented by the normal curve, i.e. some scored their self-esteem very low and others scored their self-esteem very high. The majority of girls, on the other hand, had self-esteem within the average range. It was possible to observe a significant relationship between time spent with the family and cell phone use, showing that the adolescents recognize that the use of the device disrupts this bond. There was no association between parenting style and the participants' level of self-esteem; one hypothesis for this result may be the low number of parents who took part in the survey.

Keywords: self-esteem, social media, parenting styles, adolescence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**
REVISÃO DE LITERATURA **16**
Adolescência e Mídias sociais 16
Mídias sociais e suas implicações para a autoestima dos adolescentes 19
As implicações das mídias sociais no contexto familiar de adolescentes 21
Estilos parentais em famílias com adolescentes e suas associações com as mídias sociais 22
OBJETIVOS **24**
Objetivo Geral 24
Objetivos Específicos 24
MÉTODO **25**
Instrumentos 28
Procedimentos 30
Análise de Dados 30
RESULTADOS **32**
As Famílias dos Adolescentes ..... **Erro! Indicador não definido.**
A autoestima dos adolescentes 32
Efeito da quantidade de horas online e o nível de autoestima 32
Uso de mídias sociais pelos adolescentes 33
Uso de mídias sociais pelos adolescentes 34
Utilização de mídias sociais pelos pais 36
Supervisão e Controle do Uso das Mídias pelos Pais e Mães 37
Relação entre o nível de Autoestima dos adolescentes e os Estilos Parentais 38
CONSIDERAÇÕES FINAIS **44**
REFERÊNCIAS **47**
ANEXOS **54**
Apêndice A: Questionário sobre o uso de Mídias Sociais 59
Apêndice B: Questionário sobre uso de Mídias Sociais para Pais/Responsáveis 64
Anexo A: Escala de autoestima de Rosenberg 66
Anexo B: Questionário de Estilos Parentais (PAQ) 67
Anexo C: Questionário de Caracterização do Sistema Familiar 70
Anexo D: Percentis utilizados para analisar o Nível de Autoestima 73
Anexo E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 75

Anexo F: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido 77
Anexo G: Termo de confidencialidade e sigilo 79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Quantidade de Alunos de Acordo com o Ano Escolar e o Tipo de Escola.....25

Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica das Famílias.....26

Tabela 3 Descrição do Tipo de Religião e sua Frequência às Atividades Religiosas das Famílias.....31

Tabela 4 Frequência e Membros Familiares que Participam das Atividades de Lazer.....32

Tabela 5 Nível de Autoestima da Amostra Total e em relação ao Sexo.....33

Tabela 6 Resultados da Análise Regressão Linear.....33

Tabela 7 Quantidade de Participantes de acordo com Horas Online em Redes Sociais, por Tipo de Escola.....34

Tabela 8 Número de Respostas em relação aos Conteúdos que mais Afetam a Autoestima dos Adolescentes.....35

Tabela 9 Caracterização do Uso de Mídias Sociais pelos Pais e Mães Participantes.....36

Tabela 10 Supervisão dos Pais em relação à Quantidade de Horas e Conteúdos Acessado pelos Filhos nas Mídias Sociais, Compartilhamento de Publicações com os Pais e Auxílio nas Atividades Domésticas.....37

INTRODUÇÃO

O campo científico do desenvolvimento humano tem suas origens com autores que não são psicólogos. De acordo com Dessen e Bisinoto (2014), Charles Darwin (1809 - 1882) com seu conceito de seleção natural e identificando o ambiente natural como responsável por selecionar as espécies, lançou evidências sobre o papel dos ambientes no desenvolvimento dos indivíduos. Influenciado por essa concepção do papel adaptativo do comportamento, Stanley Hall (1844 – 1924), fundador da primeira revista científica sobre desenvolvimento humano, constatou que as mudanças que ocorriam durante o ciclo de vida eram uma repetição das alterações que ocorreram durante o processo evolutivo (LERNER, 2005). Hall ainda destacou que da mesma forma que ocorriam transformações no período da infância, essas também aconteciam na adolescência, trazendo destaque para esta fase do ciclo de vida (DESSEN e BISINOTO, 2014; LERNER, 2005).

Sob a influência do behaviorismo, os autores Watson e Skinner defendiam que o desenvolvimento humano se dava pelo controle do estímulo ambiental sobre o comportamento, porém as pesquisas realizadas sob essa perspectiva focalizavam, especialmente, o comportamento animal (DESSEN e BISINOTO, 2014; LERNER, 2005). Posteriormente, Jean Piaget e Lev S. Vygotsky construíram teorias fundamentais para a compreensão do desenvolvimento humano, especialmente, o cognitivo e social. Ambos os teóricos ofereceram insights valiosos sobre como as crianças crescem, aprendem e interagem com os contextos. Piaget centrou sua teoria na ideia de que as crianças constroem ativamente o conhecimento, elaborando sua própria percepção da realidade de acordo com um processo contínuo de assimilação e adaptação. O autor identificou quatro estágios do desenvolvimento cognitivo: sensoriomotor, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal. Em cada estágio, as crianças desenvolvem habilidades cognitivas que, ao longo do processo de desenvolvimento, adquirem ‘formatos’ qualitativamente mais elaborados, influenciadas por fatores como maturação biológica e interação social (DESSEN e BISINOTO, 2014; INHELDER e PIAGET, 1958/1976; PIAGET, 1964).

Vygotsky enfatizou a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento infantil, sua teoria sociocultural destaca a ideia de que as interações sociais e a cultura moldam o desenvolvimento cognitivo das crianças (DESSEN e BISINOTO, 2014; VYGOTSKY, 2007). O autor introduziu conceitos como a zona de desenvolvimento proximal (ZDP), que é a distância entre o nível de desenvolvimento atual de uma criança e o potencial de desenvolvimento que pode ser alcançado com a orientação de um adulto ou de pares mais

capazes (VYGOTSKY, 2007). Ele argumentou que o aprendizado é um processo social e que as crianças aprendem melhor quando são guiadas por adultos ou colegas mais competentes em uma área específica, defendendo que o aprendizado não pode ser dissociado do contexto no qual o indivíduo está inserido, ressaltando as relações pessoa-contexto (DESSEN e BISINOTO, 2014; VYGOTSKY, 2007).

A partir da década de 1970 surgiram pesquisas empíricas e modelos focados no contexto, com o emprego de perspectivas dinâmicas e bidirecionais entre o indivíduo e o contexto, enfatizando a importância do tempo e do espaço para a compreensão do desenvolvimento humano (SENNA e DESSEN, 2012). A partir da perspectiva sistêmica, teóricos do desenvolvimento humano, como Bronfenbrenner e Paul Baltes, passaram a conceber este como um processo contínuo entre a pessoa e o ambiente, cujas mudanças se inter-relacionam com fatores do contexto socio-histórico-cultural (LERNER, 2005; SENNA e DESSEN, 2012). Nesse sentido, para estudar o desenvolvimento humano se tornou indispensável incluir como os múltiplos sistemas que influenciam o desenvolvimento individual, como os processos fisiológicos, culturais, as interações sociais, os fatores genéticos, etc. se integram através do tempo, de forma a promover (ou não) a saúde e o funcionamento adaptativo ao longo do tempo (DESSEN e BISINOTO, 2014).

Avanços nas teorias do desenvolvimento humano têm levado a uma compreensão mais abrangente da adolescência como uma fase contínua e dinâmica, na qual ocorrem grandes transformações inter-relacionadas com os sistemas sociais. Dentre as teorias que adotam pressupostos sistêmicos, podem-se mencionar a Teoria Life-Span (BALTES, LINDENBERGER e STAUDINGER, 2006) e o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998). A Teoria Life-Span surge adotando uma visão holística sobre o desenvolvimento, considerando-o multidirecional e multidimensional, com processos inter-relacionados ao contexto histórico, experiências individuais e trajetórias envoltas em inter-relações sociais, defendendo o desenvolvimento como maleável e detentor de perdas e ganhos (NERI, 2006).

O Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner propõe a inter-relação de aspectos dos processos (P), pessoa (P), contexto (C) e tempo (T). “Os processos proximais são formas duradouras de interações face a face, que se dão em bases razoavelmente regulares, por determinados períodos de tempo, e podem se exemplificados pelas interações que ocorrem durante atividades realizadas entre pais e crianças...” (DESSEN e SENNA, 2014, P. 86). As propriedades da pessoa referem-se às suas características biopsicossociais, sendo tanto

produtoras como produtos de desenvolvimento. Existem três características pessoais principais: as disposições, os recursos bioecológicos e as demandas pessoais (BRONFENBRENNER e MORRIS, 2006). Os contextos são entendidos como cenários nos quais as pessoas se engajam em atividades e papéis particulares, sendo divididos em: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema (BRONFENBRENNER e MORRIS, 2006). Adotando o modelo Bioecológico de Bronfenbrenner para este estudo, pode-se compreender que, no período da adolescência, a pessoa amplia seus contextos, devido ao fato de apresentar mais autonomia e independência que na etapa anterior (infância). Assim, pode-se inferir que os Microssistemas de adolescentes incluem a família, a escola, os pares, as atividades extracurriculares (por exemplo, atividade físicas em grupo, cursos de idiomas). Os relacionamentos com os pais ainda desempenham um papel significativo, mas os laços com os amigos e colegas se tornam cada vez mais importantes. Essas interações influenciam a autoestima, a autoconfiança e a formação de identidade do adolescente (LERNER, 2015).

Com a ampliação dos microssistemas há, provavelmente, aumento dos episódios de interação entre estes, constituindo-se o Mesossistema, o qual refere-se às interações entre os diferentes microssistemas. As interações dos adolescentes com pessoas e objetos/símbolos em suas redes sociais podem ser consideradas mesossistema na atualidade. As interações entre a família do adolescente e a escola, bem como entre o adolescente e a vizinhança, podem ter um impacto significativo no desenvolvimento da pessoa. Por exemplo, conflitos familiares podem afetar o desempenho acadêmico do adolescente, enquanto o apoio dos pais pode influenciar positivamente na adaptação social e emocional do filho na escola e com os amigos.

Fatores externos que afetam indiretamente o desenvolvimento das pessoas constituem o Exossistema. No caso dos adolescentes, podem-se incluir as políticas governamentais de educação e saúde dos adolescentes, as decisões e políticas da comunidade local onde residem, as mídias sociais que os pais consomem etc.. Por exemplo, as normas e crenças veiculadas nas mídias sociais relacionadas à imagem corporal são capazes de impactar a autoestima de adolescentes. Já, o Macrossistema "engloba os sistemas de valores e crenças de uma cultura ou subcultura, submersos em um corpo de conhecimento, recursos materiais, costumes, estilo de vida, estrutura de oportunidades, obstáculos e opções no curso de vida" (POLONIA et al., 2005, p. 81). Nesse sentido, os adolescentes, em seus diversos contextos, interagem com uma variedade de subculturas e valores, por exemplo, as crenças da família que moldam aspirações, objetivos e comportamentos. O Cronossistema apresenta dois sentidos, um deles refere-se aos processos microgenéticos de interação que acontecem entre o indivíduo e os outros. O outro sentido diz respeito à passagem do tempo histórico. Por exemplo, a pandemia de covid-19,

iniciada em 2020, impôs algumas restrições que, possivelmente, promoveram alterações no desenvolvimento dos adolescentes que vivenciaram aquele evento mundial. Ao mesmo tempo, que eles experienciavam os acontecimentos próprios desta etapa do curso de vida, por exemplo, escolham de carreira e o início de relações amorosas.

Até a metade do século XX, a adolescência era compreendida como uma etapa distinta no desenvolvimento cercada de turbulências e permeada por conflitos e dificuldades (SENNA e DESSEN, 2012). Os estudos e pesquisas realizados neste período concebiam os adolescentes como pessoas que apresentavam um déficit em seu comportamento, de natureza "selvagem" e incivilizada, apresentando uma concepção deficitária acerca dos processos nesta etapa do curso de vida (LERNER, 2005).

As transformações nesta etapa envolvem alterações físicas, cognitivas, sociais e emocionais. Por exemplo, com a chegada da puberdade, ocorre a produção de hormônios e a maturação dos órgãos reprodutivos e sexuais (LERNER, 2005). Nesta etapa, o desenvolvimento cognitivo torna o pensamento abstrato mais 'aprimorado', tendo o adolescente a capacidade de aplicar regras lógicas, raciocinar frente a problemas abstratos e construir hipóteses, características predominantes do pensamento formal, conforme proposto por Piaget (1964). Em relação aos aspectos emocionais, a adolescência é uma fase marcada por transformações intensas, com aumento da autonomia e construção da identidade. Este processo é permeado pelo envolvimento com os pares, que desempenham um papel crucial, tornando-se fontes de inspiração e apoio (LERNER, 2005).

De acordo com Ferreira et al. (2020), o advento da internet permeia a vida diária dos adolescentes desde que se tornou mais acessível e possível à população, podendo ser considerado um importante contexto no processo de desenvolvimento humano. A revisão integrativa conduzida por Santos (2024) abrangeu 20 estudos no perídio de 2022 e 2023, identificou que a internet acentua a falta de interação entre os adolescentes no mundo físico, o que pode gerar problemas a curto, médio e longo prazos. As mídias sociais são consideradas "o lugar perfeito" para que o adolescente possa exibir atributos, habilidades e atividades para seus pares (SANTOS, 2021; SOUZA e CUNHA, 2019). A grande "vitrine virtual" apresentada nas redes, com corpos e personalidades "perfeitas" faz com que os adolescentes desenvolvam um baixo senso de autoestima (SOUZA e CUNHA, 2019). De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2018), os adolescentes são o público mais presente nessas redes, o que acentua a importância de estudos sobre esse assunto com essa população.

A literatura aponta benefícios, mas também aspectos negativos para adolescentes que permanecem por longos períodos conectados nas mídias sociais. Por exemplo, o uso das redes

aumentou disparadamente durante o período da pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, uma vez que se tornou a forma mais segura de interação social disponível como aponta o Dossiê Comunicação ; Inovação em Tempos de Pandemia (2020). Nas mídias sociais os indivíduos encontraram formas de se sentirem mais próximos de seus pares, possibilitando uma comunicação rápida e eficiente por ligações, mensagens, fotos e vídeos (CHARMARAMAN et al. (2021).

Por outro lado, Charmaraman et al. (2021) mostram que adolescentes com depressão ficam por mais tempo nas mídias sociais. Boer et al. (2021) alertam que existem alguns comportamentos que devem ser observados quando se constata o uso excessivo das mídias sociais pelos adolescentes, tais como, comportamentos de desânimo para se encontrar presencialmente com seus pares, falta de esperança e alta comparação.

Na pesquisa de Boer et al. (2021) com 2.109 adolescentes holandeses que estavam matriculados no ensino médio, foram avaliadas a dependência por mídia social, as atividades realizadas nas mídias sociais, a frequência que se utilizavam essas mídias, sintomas depressivos, comparações sociais durante o uso das mídias, cybervitimização, satisfação com a vida, conquistas escolares subjetivas (como por exemplo, a satisfação do estudante com suas notas) e a frequência do contato cara a cara com amigos. Os resultados indicaram que os participantes cujo consumo de mídias sociais era alto, de acordo com a escala que avalia dependência de mídia social, havia também aumento na frequência de sintomas depressivos, diminuição da satisfação de vida, cybervitimização e comparações sociais. Boer et al. (2021) concluem que a vida ‘offline’ é menos significativa do que a vida ‘online’ para a população investigada, desta forma para se sentirem positivos sobre si mesmos ou se afastarem das adversidades, os adolescentes podem se tornar dependentes das mídias sociais. Vale ressaltar, no entanto, que um ano depois da primeira coleta, os participantes que diminuíram o padrão de uso, apresentaram resultados mais positivos em relação à saúde mental, indicando que a alta intensidade no uso das redes por um período, pode não ter impacto a longo prazo.

Além de repercussões na saúde mental dos adolescentes, ressalta-se que a insatisfação com o corpo também pode ser agravada devido ao excesso de engajamento nas mídias sociais (SANTOS, 2021). Os resultados encontrados por Santos (2021) corroboram os de Andrade et al. (2020), que apontam a associação entre o uso de mídias sociais e o aumento da probabilidade de surgimento de transtornos alimentares. De acordo com Andrade et al. (2020), durante a pandemia de covid-19 os adolescentes tinham contato frequente com conteúdos ansiogênicos, o que, muitas vezes, gerava algum tipo de alteração no apetite (falta de apetite ou apetite em excesso). Constatou-se ainda dificuldades na realização de atividades físicas durante a

pandemia, esse hábito auxilia na redução de diversos sintomas de transtornos mentais (ANDRADE et al., 2020; SANTOS, 2021).

O grande acesso à internet no dia a dia de adolescentes e jovens é considerado um fenômeno novo (Barreto e Pellizzari, 2019). Por outro lado, os genitores, muitas vezes, não sabem como proceder em relação a esse consumo intenso dos conteúdos das mídias pelos filhos jovens, apresentando dificuldades em delimitar e orientar o uso saudável para esses indivíduos (JO e JANG, 2023). Encontrar formas mais satisfatórias do uso da internet e das mídias sociais nem sempre é uma tarefa fácil para adolescentes e pais/responsáveis. Estabelecer diálogos sobre os conteúdos frequentemente consumidos, autoexposição e tempo de uso é uma importante medida para que os riscos da internet sejam esclarecidos e evitados (SANTOS, 2021).

Devido ao aumento na utilização das mídias sociais, faz-se necessário estudos sobre esse tema. Especificamente no que se refere aos estudos relacionando as mídias sociais e a autoestima de adolescentes brasileiros, constata-se uma escassez. As relevâncias social e científica do presente estudo podem ser evidenciadas considerando que a autoestima é uma dimensão fundamental para processos de desenvolvimento humano, de modo que pessoas com alta autoestima relatam mais afeto positivo, satisfação de vida e menores índices de depressão (PINHEIRO et al., 2023). Assim, autoestima mais elevada está associada a níveis mais satisfatórios de saúde mental e, em se tratando de adolescentes/jovens, que é uma população, muitas vezes, mais vulnerável e em formação, é fundamental que sejam dispensados atenção e cuidados a esse público. Ressalta-se a importância de resultados empíricos que possam subsidiar intervenções e políticas públicas dirigidas aos adolescentes e suas famílias.

REVISÃO DE LITERATURA

Adolescência e Mídias sociais

De acordo com o Ministério da Saúde (2007), a adolescência abrange a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade. De forma geral, esse período inicia-se com as mudanças da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica do indivíduo na sociedade adulta (SENNA e DESSEN, 2012). No entanto, ressalta-se que o conceito/definição dessa etapa do desenvolvimento humano é complexo, uma vez que os critérios que determinam seu início e finalização dependem de diferentes fatores, tanto do próprio sujeito quanto externos, do macrossistema. Porém, pode-se afirmar que o início dessa etapa é marcado por alterações no desenvolvimento físico, social, sexual e pelos esforços do indivíduo em se adequar às expectativas culturais da sociedade em que vive, definindo padrões de comportamento e estilo de vida (ESPINOZA et al., 2022; LERNER, 2009; SENNA e DESSEN, 2012).

À medida que aumenta o uso de mídia eletrônica entre os adolescentes, as telas são cada vez mais incorporadas à rotina e aos hábitos destes jovens (ASHTON e BEATTIE, 2019). De acordo com Boer et al. (2020) e Nobrega (2010), por meio da internet e das mídias sociais virtuais, é possível criar identidades e assumir diferentes papéis no ciberespaço. É justamente durante a adolescência que o sujeito experimenta diversos papéis antes de atingir um senso estabelecido de "eu" (ERIKSON, 1972), por isso, as redes se tornam tão atraentes especialmente para este público (SANTOS, 2021). Assim, é possível afirmar que as mídias sociais possibilitam a construção de identidades no cenário pós-moderno, sendo uma nova forma de se viver a adolescência, a qual é atravessada constantemente pelas influências das tecnologias (ACAR et al., 2022; JO e JANG, 2023; SANTOS, 2021).

De acordo com o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2018), os adolescentes lideram o ranking na utilização de mídias sociais e internet. As consequências que ocorrem com essa utilização decorrem de inúmeras variáveis, inclusive da forma como cada indivíduo vivenciará essas experiências de acordo com estratégias que foram desenvolvidas ao longo do curso de vida, podendo ser adaptativas ou desadaptativas, dependendo de características individuais, personalidade, controle parental e momento de vida (LEIJSE et al., 2023).

As mídias sociais se destacam positivamente como fonte de notícia e conhecimento de forma indiscriminada e pluralizada, ofertando informação de todo o mundo incessantemente.

Também é sumariamente reconhecida como meio de entretenimento, diversão e lazer, onde pessoas com interesses semelhantes podem se comunicar, enviar e receber vídeos e dispõem da possibilidade de criação e manutenção de laços de forma rápida e abrangente, favorecendo o estabelecimento de contatos com seus pares, gerando identificação, convivência social, apoio e afeto (JO e JANG, 2023; LEIJSE et al., 2023; VERMEULEN et al., 2018).

A grande possibilidade de comparação pessoal que as mídias sociais propiciam ao apresentarem registros de "corpos perfeitos" (que muitas vezes são editados por fotoshop), qualidade de vida irreal (quando são compartilhados apenas momentos alegres e de sucesso), pode gerar impacto importante na vida das pessoas, especialmente, dos adolescentes e, este fato, tem preocupado profissionais da saúde, como médicos, nutricionistas, educadores físicos e psicólogos (VERMEULEN at al., 2018). Sentimentos de inferioridade, ansiedade, depressão e insatisfação corporal, comportamentos de exclusão, falta de identificação com os pares e dificuldade na criação de vínculos estão se tornando cada vez mais frequentes entre os adolescentes (ACAR et al., 2022; BEERES et al., 2021; COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA, 2010; FORS e BARCH, 2019; SGARBOSA e PINTO, 2022).

A busca pelo status digital tende a criar suscetibilidade em termos de sistema de recompensas, fazendo com que os adolescentes passem cada vez mais tempo online nessas mídias (ACAR et al,. 2022; LUCIANA, 2013). Como consequência disso, eles podem perceber atividades sem mídia, que requerem atenção prolongada, como desinteressantes ou 'chatas', influenciando no processo de aprendizagem (BOER et al., 2020; NIKKELEN et al., 2014). Além disso, a mídia social pode desempenhar um papel de realidade alternativa para aqueles que possuem dificuldade de socialização, ou seja, por não exigir contato direto a tendência é que se reduza cada vez mais as interações sociais (ACAR et al., 2022). O uso abusivo de mídias sociais também pode intensificar os sintomas para aqueles que já apresentam alguns transtornos, tais como, déficit de atenção, obsessivos, de ansiedade, depressão, distúrbios do sono, dependência tecnológica, de comunicação e linguagem, afetando diretamente a aprendizagem escolar e o desempenho acadêmico (ACAR et al., 2022; BOER et al., 2020; CHARMARAMAN et al., 2021; LEIJSE et al., 2023). De acordo com a pesquisa realizada por Boer et al. (2020) o impacto do uso abusivo de mídias sociais no Transtorno do déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) não foi impulsionado pela frequência de uso, mas sim pelo aspecto semelhante ao vício, como quando existe o desejo constante de ficar online ou a incapacidade de controlar o uso.

O estudo de Paulich et al. (2021) com uma amostra de 11.875 adolescentes estadunidenses, com o objetivo de investigar as relações entre tempo de tela e saúde mental,

avaliando problemas comportamentais, desempenho acadêmico, hábitos de sono e relacionamentos com os pares, evidenciou que o tempo de tela produziu resultados mistos, ou seja, que esta variável em si pode não ser motivo de preocupação, mas o conteúdo das mídias são de suma importância para o aproveitamento adequado e positivo dessas plataformas (PAULICH et al., 2021). Por conseguinte, são necessários estudos e pesquisas a respeito das relações entre o tempo de tela, conteúdos consumidos, a supervisão dos pais e o bem-estar do adolescente, investigando quais são os benefícios no uso dessas redes e quais prejuízos essa nova modalidade de interação pode gerar (NEVES et al., 2015; PAULICH et al., 2021; SANTOS, 2021).

Além disso, as mídias sociais podem apresentar riscos quando o adolescente se torna vítima de cyberbullying, que é a divulgação de imagens, sejam elas falsas ou verdadeiras, comentários e publicações com intenção de denegrir, desmoralizar, constranger e ofender a vítima, utilizando de meios tecnológicos (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Lei 13.185/2015). Vivenciar este tipo de experiência pode gerar dificuldades na criação de uma identidade positiva e na autoestima, já que a intenção deste ato é segregar e isolar o indivíduo (ACAR et al., 2022; MARENGO, 2021). Além de se tornar um ciclo de violência virtual, onde as vítimas de cyberbullying tendem a utilizar a mídia social para assediar ou zombar de outras pessoas, afetando negativamente seu relacionamento com seus pares e consigo mesmo, influenciando seu bem-estar e qualidade de vida (ACAR et al., 2022).

Cabe ressaltar também alguns perigos a que os/as adolescentes estão expostos quando consomem determinados conteúdos nas mídias sociais, como é o caso da temática da sexualidade e assuntos correlatos, que vem preocupando autoridades dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário). As mídias com músicas, danças e comportamentos sexualizados podem favorecer a auto-objetificação, comparação social, internalização de ideais de beleza etc. (ARAB e DIAZ, 2015; BUTURI e PANZA, 2021; HOHENDORFF ; PATIAS, 2017; PEREIRA ; MEIRA, 2021). Em casos extremos, o uso indiscriminado e sem supervisão desses conteúdos faz com que as crianças e adolescentes estejam vulneráveis a crimes cibernéticos sexuais, cyberbullying, automutilação digital, instigação ou induzimento ao suicídio, anorexia e bulimia (WENDT e LISBOA, 2013; ANDRADE et al., 2020; CAVALCANTE, 2020). Essas experiências de violências cibernéticas podem gerar um censo de autoimagem pobre e baixa autoestima, comportamentos autodestrutivos, comportamentos de hipersexualização e até ideação suicida (ABREU e SOUZA, 2017; HOHENDORFF e PATIAS, 2017; ANDRADE et al., 2020; SANTOS et al., 2021). Os referidos autores mostram que os sentimentos mais comuns nesses casos são de ansiedade, medo, raiva e culpa, podendo

desencadear transtornos de humor, ansiedade, alimentares, relacionados ao uso de substâncias e estresse pós-traumático.

Mídias sociais e suas implicações para a autoestima dos adolescentes

Parece haver certa dificuldade em conceituar a autoestima, sendo relacionada a outros constructos, tais como autoimagem, autoconceito e bem-estar (AVANCI et al., 2007). Ao longo dos anos, a autoestima vem sendo amplamente estudada e para alguns autores é entendida como um traço (refletindo estabilidade por um tempo) e um estado (refletindo uma resposta às situações), e por outros é compreendida como um constructo que possui descontinuidade ao longo do curso de vida (COLE et al., 2001; HARTER ; WHITESELL, 2003; MARTÍN-ALBO et al., 2007; SBICIGO et al., 2010).

Embora pareça haver uma diversidade de entendimentos a respeito da autoestima, assume-se no presente trabalho que se trata de uma avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, expressando uma atitude de aprovação ou de repulsa de si e engloba o autojulgamento em relação à competência e valor, ou seja, é o juízo pessoal de valor revelado através das atitudes que um indivíduo tem consigo mesmo (FREIRE ; TAVARES, 2011; MINEV et al., 2018; ROSENBERG, 1956/1989). A autoestima pode ser avaliada em níveis baixos, caracterizada pelo sentimento de incompetência, de inadequação à vida e da incapacidade de superação de desafios; médio, que se refere à oscilação entre o sentimento de adequação ou inadequação, manifestando essa inconsistência no comportamento e alto, que expressa um sentimento de confiança e competência (AVANCI et al., 2007; FREIRE ; TAVARES, 2011; ROSENBERG, 1956/1989). As características individuais, o ambiente social e os contextos desempenham um papel substancial na formação da autoestima, já que se trata de uma forma de se avaliar e formar uma opinião sobre si mesmo ocorrendo por meio de interações com os outros (ACAR et al., 2022; ROSENBERG, 1956/1989). Ela está intimamente ligada ao desenvolvimento e é influenciada por vários fatores, incluindo as interações sociais e ambientais que ocorrem nos diferentes níveis do contexto, considerando o modelo bioecológico.

A autoestima, o autoconceito e a autoeficácia são conceitos que se relacionam com a percepção e avaliação que o indivíduo tem de si mesmo, gerando dúvidas por conta do grau de semelhança entre eles, embora tenham nuances distintas. Enquanto a autoestima está relacionada à avaliação global de si mesmo (ROSENBERG, 1956/1989), o autoconceito está

relacionado à percepção de si mesmo em diferentes aspectos da vida, como acadêmico, social, físico, emocional, entre outros (HARTER, 1999). É uma avaliação mais específica e segmentada do que a autoestima, uma pessoa pode ter uma autoestima alta, mas um autoconceito negativo em determinadas áreas, e vice-versa. Já a autoeficácia é descrita como à crença que uma pessoa tem em suas próprias habilidades para executar com sucesso uma tarefa específica ou alcançar um objetivo, é uma medida mais situacional e contextual do que a autoestima ou o autoconceito (BANDURA, 1997). Esses conceitos são inter-relacionados, mas cada um aborda uma dimensão diferente da autoavaliação e autoconhecimento.

Pesquisas apontam que alta autoestima é identificada como uma das características mais associadas aos indivíduos mais felizes, assim como é considerado um dos principais preditores para desempenhos favoráveis na adolescência e vida adulta dos indivíduos, tendo influências em áreas como o desempenho acadêmico, relacionamentos interpessoais e sucesso ocupacional (MYERS e DIENER, 1995; PINHEIRO, 2023). Já, na autoestima baixa são observadas implicações em problemas adversos, como depressão, comportamento agressivo e antissocial, percepção de incapacidade, delinquência e transtornos alimentares (HUTZ et al., 2014; MARRONE et al., 2019). Portanto, a avaliação dessa característica é uma ferramenta importante na identificação e prevenção de problemas e dificuldades na saúde mental, podendo ser utilizada para fomentar diretrizes de promoção deste aspecto.

A literatura brasileira atualmente aponta uma lacuna no que se refere a autoestima dos adolescentes. Estudos, como o de Paixão et al. (2018), destacam que adolescentes com baixa autoestima enfrentam um risco significativo de desenvolver transtornos psiquiátricos menores, um achado que ganha ainda mais relevância à luz das pesquisas conduzidas por Li et al. (2015) e Steiger et al. (2014), que evidenciam a relação entre baixa autoestima na adolescência e sintomas depressivos na vida adulta. Por outro lado, a alta autoestima é apontada como um fator protetor, contribuindo para o suporte social percebido e reduzindo a ideação suicida, conforme observado por Kleiman e Riskind (2013).

Bravo e Tapia (2006) exploraram a relação entre autoestima, apego e depressão em adolescentes chilenos, destacando a influência dos pais nesse contexto. Os resultados mostraram uma correlação positiva entre a percepção de disponibilidade e vínculo com os pais e a autoestima positiva dos adolescentes. Por outro lado, uma menor percepção de disponibilidade parental esteve associada a um aumento nos índices de depressão. Evidenciando a importância das figuras parentais ao longo do processo de desenvolvimento dos adolescentes.

As implicações das mídias sociais no contexto familiar de adolescentes

A utilização em demasia das mídias sociais é um fenômeno novo, portanto, desafiador. Existe uma escassez de estudos sobre este tema no Brasil, principalmente no que tange aos impactos dessa tecnologia na rotina das famílias e como os pais desempenham seu papel na orientação, supervisão e controle de seus filhos sobre a utilização dessas redes (JO e JANG, 2023). De acordo com Ferreira e Farias (2020), a utilização em demasia de internet e mídias sociais por parte dos adolescentes gera a falsa ilusão nos pais de que seus filhos estão seguros em casa diante do computador. Por conta da grande utilização, o Marco Civil da Internet foi regulamentado pela Lei nº 12.965 (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015) em seu artigo 29º, o qual explicita a necessidade do controle e vigilância parental e a educação digital como formas de proteção frente às mudanças tecnológicas, sobretudo no que se refere aos impactos provocados nas famílias e, em específico, às rotinas e vivências das crianças e dos adolescentes.

Como forma positiva do uso das mídias sociais, Jo e Jang (2023) ressaltam que estas podem ser compreendidas como positivas em termos de coesão familiar, adaptabilidade e comunicação aberta, quando existe a manutenção do contato com os familiares, conversas em tempo real e comunicação rápida em situações de emergência. Além disso, ainda pode ocorrer o fortalecimento e estreitamento de vínculos favorecendo a autonomia dos adolescentes. No entanto, se houver uso excessivo por parte dos adolescentes, os pais/responsáveis podem controlar de forma mais rígida, implicando em uma percepção de hipercontrole, podendo gerar um aumento no nível de conflito e comunicação agressiva entre pais e filhos.

Segundo Jo e Jang (2023), por conta da facilidade que os dispositivos móveis e mídias sociais oferecem, diálogos entre pais e filhos são necessários para determinar quais mídias sociais os filhos terão acesso, quantidade de tempo empregada, privacidade e ocasiões em que são permitidas, para que a dinâmica familiar não seja afetada e o adolescente esteja seguro, mesmo no ambiente online. Os autores acrescentam ainda que o uso indiscriminado pode gerar o “phubbing”, que é ignorar alguém em um ambiente social, prestando atenção aos dispositivos móveis.

A Sociedade Brasileira de Psiquiatria - SBP (2016) salienta que os pais e os educadores precisam aprender como exercer essa mediação e serem alertados sobre os riscos e os limites ao assumirem essa responsabilidade de controlar/supervisionar o consumo nas mídias sociais. Estratégias possíveis para amenizar a exposição e acompanhar o uso de internet e mídias sociais por parte dos filhos é o diálogo aberto e sem julgamento, o estímulo a atividades conjuntas

(esportes, lazer, interação virtual via outras mídias), o controle parental acerca do que deve ou não ser compartilhado na rede e apropriação das mídias sociais para melhorar a comunicação com os filhos e compreender quais redes eles utilizam e quais conteúdos consomem nessas plataformas.

O controle parental é uma das formas de supervisão desse consumo e está relacionado ao estilo parental empregado pela figura de autoridade. A literatura sobre estilo parental data da década de 1960 e atualmente tem sido associada às mídias sociais.

Estilos parentais em famílias com adolescentes e suas associações com as mídias sociais

De acordo com Weber (2017), o estudo das relações entre pais e filhos tem recebido grande atenção da comunidade científica nas últimas décadas, mas foi com o trabalho de Diane Baumrind (1966), que as pesquisas acerca dos estilos parentais foram impulsionadas. No contexto nacional, Gomide (2006) definiu estilo parental como sendo o conjunto de práticas educativas parentais adotadas no cotidiano com o objetivo de educar, socializar e controlar o comportamento dos filhos. Baumrind (1971) defende que há três tipos diferentes de controle parental: o autoritativo, o autoritário e o permissivo. O tipo de controle autoritativo é aquele em que pais monitoram as atitudes dos filhos, estabelecendo regras claras, sendo capazes de corrigir as atitudes negativas e gratificar as consideradas positivas. Pais autoritários, por sua vez, são rígidos e controlam o comportamento dos filhos baseando-se em regras de conduta restritas. Os pais considerados permissivos se mostram receptivos diante dos desejos e ações das crianças e comportam-se de maneira a não estabelecer regras claras e limites para os filhos, mostrando-se excessivamente tolerantes (WEBER, 2017; WEBER et al., 2004).

Embora a maioria dos estudos a respeito de estilos parentais focaliza o desenvolvimento infantil, é possível encontrar estudos com o público adolescente (MENDONÇA, 2016; MONTEIRO e MOTA, 2021; PINQUART e GERKE, 2019). MILEVSKY et al. (2007) realizaram um estudo com 272 adolescentes dos 14 aos 17 anos, nos Estados Unidos com o objetivo de examinar as variações no ajustamento dos adolescentes em função dos estilos parentais e os resultados apontam que os estilos parentais estão correlacionados com o bem-estar e autoestima dos estudantes. De acordo com a pesquisa de Pinquart (2019), realizada com adolescentes do Paquistão, o estilo autoritativo foi correlacionado com autoeficácia positiva nos filhos, que é um dos construtos presente na concepção de autoestima, salientando a importância

de ter uma relação de diálogo com os pais, obtendo orientação, clareza e abertura para conversar durante essa fase da vida.

A metanálise conduzida por Pinquart e Gerke (2019) englobou 116 estudos e associou autoestima e estilo parental. Os resultados apontam associações positivas de parentalidade autoritativa com a alta autoestima. Além disso, foi encontrada uma associação leve e positiva entre estilo permissivo e autoestima. Os autores defendem que na América Latina e em países do Sul da Europa, culturalmente as relações parentais são mais afetuosas e cordiais, o que pode auxiliar na autoestima mesmo com estilo parental mais complacente e possivelmente com pais menos presente em atividades rotineiras.

Um estudo realizado por Monteiro e Mota (2021) com 936 adolescentes Portugueses, com idades entre 14 e 20 anos, analisou os estilos parentais e a personalidade no uso das mídias sociais por adolescentes e jovens adultos, verificando o papel mediador da personalidade. Os resultados evidenciaram que o uso problemático das mídias sociais está relacionado negativamente ao estilo parental autoritativo e, positivamente ao estilo autoritário e permissivo. Considerando que o estilo autoritativo é aquele em que pais estabelecem regras claras, monitoram e corrigem os comportamentos dos filhos, inclusive nas mídias sociais, os resultados de Monteiro e Mota (2021) e de Jo e Jang (2023), quanto à importância da comunicação aberta entre os membros familiares, indicam que esta prática é essencial para a boa dinâmica familiar e o bem-estar dos membros.

O estudo de Mendonça (2016) contou com uma amostra de 119 crianças e adolescentes portugueses, de 08 aos 17 anos e respectivos genitores, pai ou mãe, com o objetivo de compreender de que forma os estilos parentais influenciam na utilização de mídias sociais. A pesquisa apontou que existe uma elevada porcentagem de utilização de mídias, sendo de 94% tanto pelos adolescentes quanto por seus pais, independente do estilo parental.

Cabe salientar a dificuldade em recuperar estudos que focalizassem a temática de estilos parentais, adolescentes, mídias sociais e autoestima, na população brasileira. Assim, destaca-se a escassez de estudos sobre esse assunto, o qual é tão atual e tem sido apresentado em diferentes contextos culturais como preocupante.

OBJETIVOS

Serão apresentados os objetivos do presente estudo, tanto o geral quanto os específicos.

Objetivo Geral

Este estudo tem como objetivo geral avaliar os níveis de autoestima dos adolescentes relacionando-os com o uso de mídias sociais, o tipo de conteúdo consumido e os estilos parentais.

Objetivos Específicos

1) Caracterizar as famílias quanto à renda, escolaridade, estrutura familiar e participação do grupo em atividades sociais.
2) Avaliar os níveis de autoestima dos adolescentes.
3) Verificar o uso de mídias sociais pelos adolescentes e por um de seus pais, focalizando o tempo de conexão, o tipo de mídia, etc.
4) Associar estilos de pais/mães de adolescentes e o nível de autoestima do/a filho/a.

MÉTODO

O estudo possui um delineamento transversal, implicando que os dados foram coletados em um único ponto no tempo. Trata-se de uma pesquisa correlacional, cujo objetivo é investigar as relações entre variáveis (BREAKWELL et al., 2010).

Participantes

A partir dos critérios para participação no presente estudo e da disponibilidade dos adolescentes e de seus pais, obteve-se uma amostra de 104 adolescentes com idade de 14 a 19 anos, sendo 57 alunas do sexo feminino e 47 alunos do sexo masculino. Todos os alunos estavam inseridos no Ensino Médio (EM) em escolas da rede pública ou privada, da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. A Tabela 1 apresenta a quantidade de participantes adolescentes, segundo o tipo de escola e ano escolar.

Tabela 1

Quantidade de Alunos de acordo com o Ano Escolar e o Tipo de Escola

	Escola pública federal	Escola privada
1º ano do EM	24	12
2º ano do EM	22	20
3º ano do EM	10	16
Total	56	38

Os pais dos adolescentes participantes também foram convidados a colaborarem com a pesquisa. A amostra contou com 23 pais, sendo mães (n=21) e pais (n=2), com idade entre 38 e 57 anos. Deste total, oito mães tinham um filho/filha em escola pública, enquanto 13 mães e dois pais tinham filho/filha em escola privada.

Quanto à escolaridade, estado civil, renda e trabalho, os dados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2

Caracterização Sociodemográfica das Famílias

	Pai	Mãe
Escolaridade		
Ensino Fundamental	0%	8.7%
Ensino Médio	30%	30.4%
Ensino Superior	70%	60.9%
Estado Civil		
Casados		78.3%
Vivem juntos		13%
Divorciados		8.7%
Renda		
1 a 2 Salários Mínimos (SM)		10%
2 a 3 SM		5%
3 a 5 SM		50%
Acima de 5 SM		35%
Possui trabalho		
	Pai	Mãe
Sim	100%	78.3%
Não	0%	21.7%
Turno		
Manhã ou tarde	5.3%	6.3%
Manhã e tarde	84.2%	75%
Manhã, tarde e noite	5.3%	12.5%

De forma majoritária, as famílias mencionaram que têm uma religião (95.7%), sendo 52.6% católica, seguidas por 31.6% evangélica e 15.8% espírita. Resultados acerca da religião podem ser visualizados na Tabela 3:

Tabela 3

Descrição do Tipo de Religião e sua Frequência às Atividades Religiosas das Famílias

Possui religião

Sim	95.7%
Não	4.3%
Tipo de religião	
Católica	52.6%
Evangélica	31.6%
Espírita	15.8%
Frequência	
Semanal	63.6%
Quinzenal	9.1%
Mensal	4.5%
Esporadicamente	9.1%
Não frequenta	13.6%

No que se refere às atividades de lazer, a maioria das famílias realiza encontros em locais públicos/alimentação (95.7%), com a família e amigos (91.3%), visitas variadas (73.9%), vão ao cinema/teatro (69.6%) e a atividades culturais/museus (60.9%). Todas as atividades, bem como os membros que participam das mesmas estão descritas na Tabela 4. Segundo Bronfenbrenner (1996), possibilitar o desenvolvimento saudável para uma criança exige interações constantes, próximas e afetuosas com os adultos ao seu redor, é especialmente importante, portanto, as atividades de lazer, que potencializam relações face a face, gerando vínculo afetivo de forma significativa.

Tabela 4

Frequência e Membros Familiares que Participam das Atividades de Lazer

Momentos de lazer	
Encontros em locais públicos/alimentação	95.7%
Encontros com famílias e amigos	91.3%
Visitas	73.9%
Cinema/Teatro	69.6%
Culturais/Museus	60.9%
Religiosas	34.8%

Festas/eventos da comunidade	34.8%
Outras	26.1%
Assistência a comunidade	17.4%
Não participa	4.3%
Participantes das atividades de lazer	
Toda a família	52.2%
Toda família com parentes em geral	17.4%
Toda família com amigos	17.4%
Apenas mãe e filhos	13%
Toda família com avós	4.3%
Apenas pai e filhos	4.3%

Instrumentos

Para coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1) Questionário sobre uso de Mídias Sociais: O questionário foi construído pela pesquisadora e tem o objetivo de caracterizar o uso das mídias sociais pelos adolescentes. As questões referem-se aos tipos de mídias sociais utilizadas, ao tempo médio diário que permanecem online nas mídias, ao tipo de conteúdo consumido, tipo de aparelho usado (notebook, tablet, smartphone) etc (Apêndice A).
2) Questionário sobre uso de Mídias Sociais para Pais: O questionário construído pela pesquisadora foi adaptada para os pais, com o objetivo de caracterizar o uso das mídias sociais e contém questões referentes aos tipos de mídias sociais utilizadas, ao tempo médio diário que permanecem online nas mídias, ao tipo de conteúdo consumido, se supervisiona a quantidade de horas em que seu filho está online, quais conteúdos ele consome e se ele auxilia nas atividades domésticas (Apêndice B).
3) Escala de Autoestima de Rosenberg - EAR (HUTZ, 2000): A escala é constituída por dez assertivas que são apresentadas no formato likert de quatro pontos, alterando entre "concordo totalmente" e "discordo totalmente". Para o autor, a autoestima se divide em baixa, média e alta autoestima. A baixa autoestima se refere às dificuldades do indivíduo que o incapacitam a enfrentar problemas; a média autoestima diz respeito ao alternar-se entre sentimentos de autoaprovação e

autorrejeição e a alta autoestima corresponde ao autojulgamento que o sujeito faz de si, valorizando-se, apresentando sentimentos de competência e autoconfiança. A consistência interna da escala foi considerada satisfatória (alfa de Cronbach=0,90) e pode ser encontrado no Anexo A.

4) Questionário de Estilos Parentais – PAQ (BOECKEL; SARRIERA, 2005): Este instrumento coleta informações sobre estilos parentais com base na tipologia de Baumrind, que é adotada nesta pesquisa. Composto por 30 situações hipotéticas, o questionário aborda as estratégias educacionais empregadas pelos pais na criação dos filhos. Ele é organizado em três subescalas, cada uma contendo dez itens que correspondem aos estilos autoritário, autoritativo e permissivo, utilizando uma escala Likert de cinco pontos, distribuída entre dois pontos para discordância, um neutro e dois para concordância. Para esta pesquisa, foi utilizada uma versão adaptada para os pais, desenvolvida por Crolman (2018) com autorização dos autores. Essa adaptação visou tornar os itens mais claros e pertinentes para os pais, já que o questionário original foi elaborado para ser respondido por adolescentes, conforme Boeckel e Sarriera (2005). Os itens foram modificados de terceira pessoa para a primeira pessoa do singular, como no exemplo: [original] “Meus pais acreditavam que em uma família bem estruturada as crianças deveriam fazer as coisas do seu próprio jeito”; [adaptação] “Eu acredito que em uma família bem estruturada, as crianças devem fazer as coisas do seu próprio jeito.” Em relação às qualidades psicométricas, o instrumento apresentou boa consistência interna, com coeficientes (obtidos pelo teste de alpha de Cronbach) de 0,74 para o estilo permissivo, 0,85 para o autoritário e 0,88 para o autoritativo, demonstrando um nível satisfatório de fidedignidade em todas as subescalas, sendo a autoritativa a que apresentou maior consistência (Anexo B).
5) Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (DESSEN, 2009): Trata-se de um instrumento destinado à coleta de dados sociodemográficos e fatores de risco relacionados à família. Ele abrange informações sobre a idade e escolaridade dos pais e filhos, renda familiar, ocupação dos genitores, estado civil, interações sociais da família, detalhes sobre a rede de apoio, atividades de lazer realizadas pela família, entre outros aspectos. O questionário sofreu algumas modificações para de acordo com os objetivos do presente estudo e pode ser consultado no Anexo C.

Procedimentos

A partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFJF (número do parecer de aprovação: 6.336.824), ocorreu o recrutamento dos alunos por meio do contato com as instituições de ensino. Em seguida, a pesquisadora enviou uma mensagem para os pais dos estudantes convidando-os para participar da pesquisa, apresentando os objetivos da mesma e solicitando a permissão para a participação de seus filhos/as (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE). Após este procedimento, os alunos que tinham o TCLE assinado, apresentaram os critérios de inclusão da pesquisa e concordaram em participar, foram convidados a assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). De acordo com a disponibilidade de horário nas escolas, os estudantes que assentiram em participar responderam, de forma coletiva, à Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) e ao Questionário sobre o uso de Mídias Sociais.

Após esta primeira etapa, os pais que aceitaram participar da investigação e assinaram o TCLE, participaram de um encontro online com os membros da pesquisa para o preenchimento do Questionário sobre o uso de Mídias Sociais para Pais, o Questionário de Estilos Parentais – PAQ e o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar.

Análise de Dados

Os dados foram analisados de acordo com a natureza de cada instrumento. Um banco de dados foi construído no software Jamovi para realizar as análises estatísticas descritivas e inferenciais. Para os instrumentos Escala de autoestima de Rosenberg (EAR), Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (QCSF), Questionário de Estilos Parentais (PAQ), Questionário sobre uso de Mídias Sociais (QUMS) e Questionário sobre uso de Mídias Sociais para Pais (QUMS-Pais), foram conduzidas análises descritivas, incluindo medidas de tendência central e dispersão quando se tratando de variáveis contínuas e de frequências para variáveis categóricas. No caso das questões de múltipla escolha, as frequências das respostas foram avaliadas utilizando o pacote vijMR (JALBY, 2024), implementado no software Jamovi.

Para verificar o nível de autoestima dos adolescentes foi necessário realizar o procedimento calculando o percentil da amostra, uma vez que havia diferentes formas de analisar os dados de acordo com a literatura (BRAVO, 2006; SBICIGO et al. 2010; FREIRE E

TAVARES 2011; WEBER 2017; MARRONE, SOUZA ; HUTZ 2019; PINHEIRO et al. 2023). Desta forma, decidiu-se pelo seguinte procedimento estatístico:

Primeiro utilizou-se o teste Shapiro-Wilk (p=0,067) para verificar a normalidade da amostra de adolescentes (n=104). Esta apresentou distribuição normal para os escores do sexo feminino (Shapiro-Wilk - p=0,728), enquanto que a pontuação dos escores do sexo masculino apresentou uma distribuição assimétrica negativa. Diante dessa evidência, a realização de uma classificação baseada nos percentis separadamente foi a mais adequada. Foram calculados os percentis para os três agrupamentos de amostra: a) amostra total (n=104), b) participantes do sexo feminino (n=57) e; c) participantes do sexo masculino (n=47). Os percentis foram todos calculados usando o teste R (R Core Tean, 2019). De acordo com o quartil, considerou-se o percentil <25 = inferior; 25-75 = médio; >75 superior. Para mais informações sobre a classificação do Percentil e o escore bruto referente, consultar o Anexo D.

Uma análise de regressão linear foi realizada para verificar se a quantidade de horas online por dia, a mídia principal utilizada, a interferência do uso das mídias sociais no tempo com a família, e o sexo dos participantes prediziam os escores na EAR. Os pressupostos de normalidade das variáveis foram verificados utilizando o teste de Shapiro-Wilk, e os resíduos do modelo de regressão foram analisados para garantir a qualidade do ajuste.

Além disso, para examinar as correlações entre os escores da EAR e os subdomínios da PAQ, foram conduzidas análises de correlação de Pearson e Spearman, dependendo do atendimento aos pressupostos de normalidade. Por fim, os escores da EAR foram classificados em percentis para a amostra total e estratificados por sexo, permitindo a categorização em três níveis: baixa (percentil < 25), média (percentil entre 25 e 75) e alta (percentil > 75).

Para a correção do Questionário de Estilos Parentais - PAQ seguiram-se as instruções constantes do manual. A partir da soma das pontuações dos itens de cada subescala, foi obtido o escore total, que pode variar de 0 a 40 pontos, classificando o tipo de estilo.

RESULTADOS

Esta seção descreve, primeiramente, a caracterização do sistema familiar, seguida pela apresentação dos níveis de autoestima obtidos pelos adolescentes. Posteriormente, apresentam-se os dados acerca do uso de mídias sociais pelos adolescentes e por um de seus pais, focalizando o tempo de conexão, o tipo de mídia, etc. Por fim, as associações entre nível de autoestima dos adolescentes e o estilo parental são descritas.

A autoestima dos adolescentes

Foi possível evidenciar que 53% dos adolescentes obtiveram nível médio de autoestima, 28% nível alto e 18% nível baixo. Não foram apresentadas diferenças significativas entre o nível de autoestima e o tipo de escola (pública *versus* privada). Em relação às diferenças entre os sexos, a maioria das adolescentes (54%) e dos adolescentes (43%) apresentou autoestima com nível médio, com um percentual maior para as adolescentes. Neste grupo, 28% delas obteve alta autoestima e 18% baixa. Por outro lado, 43% dos adolescentes apresentaram autoestima média, 33% alta e 24% baixa. A Tabela 5 demonstra a classificação total da autoestima dos participantes, discriminando-se por sexo.

Tabela 5

Nível de Autoestima da Amostra Total e em relação ao Sexo:

Classificação	Amostra total		Sexo Feminino		Sexo Masculino	
	n	%	n	%	n	%
Alta	29	28	16	28	15	33
Média	55	53	31	54	20	43
Baixa	19	18	10	18	11	24
Total	103	100	57	100	46	100

Efeito da quantidade de horas online e o nível de autoestima

Utilizando análise de Regressão Linear, foi detectado efeito significativo no tempo de engajamento nas mídias e o vínculo com a família, indicando que o alto tempo online gera prejuízos nesta relação. Entretanto, não foi observado efeito na quantidade de horas nas mídias em relação ao nível de autoestima, tipo de escola, sexo e engajamento em outras atividades, como apontado na Tabela 6.

Tabela 6

Resultados da Análise Regressão Linear

Preditor	**Coeficiente**	**EP**	**t**	**p**
Sexo:				
Masculino – Feminino	1,58	1,2	1,31	0,193
Horas Online/dia:				
De 2 a 3 horas por dia – Até 1 hora por dia	1,79	2,67	0,67	0,504
De 3 a 4 horas por dia – Até 1 hora por dia	-1,98	2,72	-0,73	0,469
De 4 a 5 horas por dia – Até 1 hora por dia	-0,07	2,75	-0,02	0,981
Acima de 5 horas por dia – Até 1 hora por dia	1,14	2,81	0,41	0,686
Tempo nas mídias/vínculo com a família:				
Não – Sim	7,31	1,95	3,75	< ,001
Às vezes – Sim	5,41	1,81	2,99	0,004
Tempo nas mídias/outras atividades:				
Não – Sim	0,9	1,4	0,64	0,524
Escola:				
Pública – Privada	2,41	1,26	1,92	0,059

Uso de mídias sociais pelos adolescentes

A seguir, serão apresentados os dados referentes ao uso de mídias sociais. Na Tabela 7 observou-se pouca variação entre os adolescentes de escola pública e escola privada no que concerne a quantidade de horas nas mídias. A maioria dos adolescentes (n=30) relatou utilizar as mídias de 2 a 3 horas por dia, seguido de adolescentes (n=24) que indicaram um uso de 4 a 5 horas por dia. Um tempo superior a 5 horas foi mencionado por 22 adolescentes e, também,

por aqueles que usam de 3 a 4 horas por dia (n=22). Sendo que apenas seis participantes adolescentes indicaram o uso de até 1 hora por dia.

Tabela 7

Quantidade de Participantes de acordo com Horas Online em Mídias Sociais, por Tipo de Escola

Horas Online/dia	Escola		Total
	Privada	Pública	
Até 1 hora por dia	1	5	6
De 2 a 3 horas por dia	17	13	30
De 3 a 4 horas por dia	10	12	22
De 4 a 5 horas por dia	11	13	24
Acima de 5 horas por dia	9	13	22

Uso de mídias sociais pelos adolescentes

Estudos recentes sugerem que as mídias sociais não devem ser categorizadas unicamente como benéficas ou prejudiciais para o desenvolvimento dos indivíduos, mas sim de maneira ambígua. Por exemplo, a distância física proporcionada pela internet pode facilitar a expressão de sentimentos, opiniões e questionamentos, aspectos que frequentemente são percebidos de forma positiva, contribuindo para a promoção da empatia e da comunicação (JO ; JANG, 2023). Entretanto, os aspectos negativos do uso das mídias também são reconhecidos pela literatura, quando promovem julgamentos facilitados pelo anonimato e distanciamento que a internet possibilita (BOER et al., 2020; CHARMARAMAN et al., 2021; LEIJSE et al., 2023). Os resultados apresentam que as redes podem gerar também distanciamento na vida social e inibição nas relações sociais presenciais ao abdicar de contato com o meio ambiente, com a família e com esportes. No que tange à saúde física, é possível observar o sedentarismo e a diminuição no tempo de sono, além de diversos transtornos alimentares (ANDRADE et al., 2020; ROYANT-PAROLA et al., 2018; SAMPASA-KANYINGA et al., 2020).

Em relação à utilização das Mídias Sociais, não houve diferenças significativas nas análises em relação aos participantes de escola pública e particular. Destaca-se que os participantes podiam assinalar mais de um tipo de mídia, por isso, o valor de *n* aqui se refere às respostas e não aos participantes. No que se refere às mídias mais utilizadas, estas foram:

WhatsApp (n=100), Instagram (n=98), Tiktok (n=82), Twitter (n=36), Outras Mídias (n=22), telegram (n=13), Facebook (n=8), SnapChat (n=5) e Threads (n=4).

No que concerne ao conteúdo mais consumido, se destaca a Interação com amigos (82%), seguido pelo consumo de Memes (73%) e Vídeos para distração (62%). Os demais conteúdos foram: Mundo Fitness (54%), receitas culinárias (47%), Interação com familiares (43%), Moda (38%), Acompanhar a vida de famosos (38%), Notícias e Política (38%), SkinCare (31%), Interação com pessoas que não estão no seu convívio (25%), Outros conteúdos (23%), Empreendimentos (12%) e ASMR (10%).

Foi perguntado aos adolescentes se as mídias exerciam efeito em sua autoestima e se esse efeito era positivo ou negativo. Do total da amostra, 21 adolescentes apontaram efeito positivo e 30 efeito negativo. As mídias que influenciam positivamente são Tiktok (71%), Instagram (57%), Youtube (24%), Outras (10%) e WhatsApp (5%). As Mídias que influenciam negativamente são Instagram (73%), Tiktok (70%), Youtube (7%), Threads (7%), WhatsApp (3%) e Telegram (3%).

Os adolescentes que responderam possuir autoestima afetada pelas mídias apontaram que os conteúdos da categoria Mundo Fitness são os que mais lhes afetam (57%), seguido por Acompanhar a vida de famosos (40%), Moda (34%), Skincare (24%). O restante dos conteúdos estão detalhados na Tabela 8.

Tabela 8

Número de Respostas em relação aos Conteúdos que mais Afetam a Autoestima dos Adolescentes

Conteúdo	Nº respostas
Mundo Fitness	38
Acompanhar a vida de famosos	27
Moda	23
Skincare	16
Integração com pessoas que você não tem convívio	15
Integração com Amigos	12
Integração com Familiares	6
Vídeos para distração	5
Outros	5
Memes	4

Notícias e política	4
Empreendimentos	3
ASMR	2

Nota. O Nº de respostas não é referente ao N de participantes, cada participante pôde marcar mais de uma alternativa

Em relação à organização do tempo de engajamento na mídia, a maior parte dos adolescentes (n=35) deixa de realizar atividades devido ao tempo gasto nas Mídias. As atividades indicadas como sendo aquelas que eles deixam de realizar são: esportes (n=17), cursinho pré-vestibular (n=15), cursos de idiomas (n=12), curso técnico (n=1) e outras (n=9).

Utilização de mídias sociais pelos pais

A Tabela 9 apresenta os resultados referentes à caracterização do uso das mídias pelos pais e mães dos adolescentes participantes. No que se refere à quantidade de horas que os pais permanecem nas mídias sociais, a maioria (39%) fica conectado entre duas a três horas por dia, 30.4% acima de 5 horas/dia, 17.4% até 1 hora/dia, 8.7% de três a quatro horas/dia e 4.3% de 4 a 5 horas, a maioria (52.2%) dos pais não considera excessiva essa quantidade de horas online. Os pais/mães usam com mais frequência o WhatsApp (54.5%), seguido pelo Instagram (27.3%), Tiktok (9.1%) e YouTube (9.1%).

Tabela 9

Caracterização do Uso de Mídias Sociais pelos Pais e Mães Participantes

Frequência de horas online	%
Até 1 hora por dia	17.4
De 2 a 3 horas por dia	39.1
De 3 a 4 horas por dia	8.7
De 4 a 5 horas por dia	4.3
Acima de 5 horas por dia	30.4
Qual mídia você permanece por mais tempo?	
Instagram	27.3
WhatsApp	54.5

Tiktok	9.1
YouTube	9.1
Considera excessiva essa quantidade de horas online?	
Sim	47.8
Não	52.2

Supervisão e Controle do Uso das Mídias pelos Pais e Mães

A Tabela 10 exibe os dados no que tange a supervisão dos pais em relação a quantidade de horas online do filho nas mídias, aos conteúdos que o filho acessa, apontando que a maioria dos pais não supervisiona a quantidade de horas (52.4%) mas supervisiona os conteúdos (77.3%). Exibe também se o adolescente compartilha com os pais publicações, sinalizando que a maioria compartilha (87%) e se o filho auxilia nas atividades domésticas, a maioria pontuando que o filho auxilia às vezes (72.7%).

Tabela 10

Supervisão dos Pais em Relação à Quantidade de Horas e Conteúdos Acessado pelos Filhos nas Mídias Sociais, Compartilhamento de Publicações com os Pais e Auxilio nas Atividades Domésticas

Supervisiona a quantidade de horas que seu filho permanece nas mídias?	
Sim	47.6%
Não	52.4%
Supervisiona os conteúdos que seu filho consome nas mídias?	
Sim	77.3%
Não	22.7%
Seu filho compartilha conteúdos com você por meio das mídias?	
Sim	87%
Não	13%
O adolescente auxilia nas atividades domésticas?	
Sim	27.3%
Não	0%

Às vezes	72.7%

Relação entre o nível de Autoestima dos adolescentes e os Estilos Parentais

As análises de correlação de Pearson para avaliar se o estilo parental prediz a autoestima do adolescente não identificaram correlações significativas entre as pontuações nas escalas, seja para a subescala permissivo (r=-0,33, p=0,130), autoritário (r=0,23, p=0,3) ou autoritativo (-0,05, p=0,837). Os mesmos resultados foram obtidos nas análises de correlação de Spearman.

DISCUSSÃO

O presente estudo teve como objetivo geral avaliar os níveis de autoestima dos adolescentes relacionando com o uso de mídias sociais e o tipo de conteúdo consumido. Conforme identificou-se nos resultados, a maior parte dos adolescentes apresentam nível médio de autoestima. Houveram diferenças sutis em relação às diferenças entre os sexos, os níveis de autoestima de adolescentes do sexo masculino tendem a ser mais variados, com uma maior distribuição entre autoestima alta e baixa, enquanto para o sexo feminino há maior equilíbrio. A literatura aponta que os níveis de autoestima das adolescentes tendem a ser mais baixo, já que estão mais suscetíveis aos padrões estéticos impostos pela sociedade ao longo do tempo (SANTANA et al., 2024).

Uma hipótese para o resultado deste estudo é o próprio processo de desenvolvimento, que ocorre com os meninos de forma mais lenta do que para as meninas, podendo trazer insatisfação com a autoimagem e autoestima. Para o sexo masculino, as transformações advindas da puberdade, como as alterações na voz, o crescimento dos pelos, o desenvolvimento esquelético e muscular ocorre, de forma geral, posterior ao das meninas, que se torna mais intenso com a proximidade da menarca (LOURENÇO e QUEIROZ, 2010).

Vale ressaltar que as duas instituições onde foram coletados os dados oferecem suporte psicológico, sendo realizadas frequentemente oficinas e discussões cerca da saúde mental. Existe, portanto, a valorização do cuidado com a esfera socioemocional dos alunos. Esse suporte pode influenciar na autopercepção dos jovens que estão inseridos neste contexto, podendo não ser replicado o mesmo resultados na população geral, considerando o baixo índice de psicólogos nas escolas brasileiras (ARREGUY, 2014).

Os resultados evidenciaram que os adolescentes reconhecem que o consumo de mídias sociais gera menos tempo para vivenciar os momentos com a família, indicando que a crescente interação virtual pode ter impacto na dinâmica familiar, substituindo o tempo de qualidade com a família (BAGGIO e CHIO, 2020; ROSEN et al., 2020; PRZYBYLSKI e WEINSTEIN, 2021; MCDANIEL e COYNE, 2023). A diminuição do tempo de convivência física entre membros familiares tem potencial para enfraquecer os vínculos emocionais entre pais e filhos e contribuir para o isolamento familiar (PRZYBYLSKI e WEINSTEIN, 2021; YANG e LIU, 2021). Esses dados sinalizam a necessidade de supervisão e limites para o uso de mídias, além da necessidade da construção de novas formas de comunicação entre a família e os adolescentes, a fim de fortalecer os vínculos familiares.

O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, proposto por Bronfenbrenner (1996), destaca que o desenvolvimento ocorre por meio de interações contínuas e significativas entre o indivíduo e os contextos em que está inserido, sendo o ambiente familiar — parte do microssistema — um dos espaços mais influentes. A diminuição da qualidade nas interações familiares pode comprometer o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos adolescentes, reforçando a importância de fortalecer os vínculos nesse núcleo. Portanto, cabe aos profissionais de psicologia fomentarem discussões acerca da importância o tempo familiar de qualidade, buscando orientar as famílias para planejarem atividades em conjunto, incorporarem tempo de qualidade na rotina diária e estabelecerem limites saudáveis com o trabalho e outras responsabilidades.

Além disso, a pesquisa caracterizou as famílias quanto à religião, renda, escolaridade, estado civil, trabalho e participação em atividades de lazer. Os pais relataram variadas participações em atividades de lazer, o que propicia afeição, companheirismo e conexão entre os membros. No que concerne a religião, a maior parte das famílias possuem religião, destacando entre as porcentagens a religião católica, e a frequência semanal. Esses dados se espelham aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) apontando que cerca de 50% da população brasileira se considera católica, embora exista uma diminuição gradual ao longo das últimas décadas.

Pode-se afirmar que as famílias da maioria dos adolescentes da presente pesquisa são de classe C, ou seja, classe média, esses dados se aproximam a renda média das famílias brasileira de acordo com o IBGE (2022), que é de R$3.800,00. Porém, é importante ressaltar que esses dados se referem à renda do grupo familiar, e não per capita. Também é essencial destacar que a renda varia muito de acordo com a região, sendo que a região Sudeste, onde a pesquisa foi realizada, possui tendência a ter maior renda média familiar, devido à maior concentração de atividades econômicas e empregos formais (IBGE, 2022). Além disso, a pesquisa foi realizada em duas escolas referência na cidade, localizadas na região central, sendo uma delas privada. Certamente essas características amostrais impactam nos resultados obtidos e é preciso ter atenção ao fazer comparações com pesquisas futuras, ressaltando que o Brasil é um dos países com distribuição de renda desiguais do mundo.

No que tange a escolaridade, a maioria dos pais e mães que participaram possuem Ensino Superior Completo. Esses dados apresentam significativa discrepância com a realidade brasileira, já que de acordo com o IBGE (2022) menos de um terço dos pais e mães possuem

Ensino Superior Completo. A hipótese é que essa diferença se dá por conta das características amostrais citadas anteriormente.

Não houve diferenças significativas em relação ao uso de mídias sociais pelos adolescentes, considerando estudantes de escola pública e particular, sendo o WhatsApp, o Instagram e o Tiktok as mais utilizadas, o que também é constatado em outras pesquisas (COSTA e SOUZA, 2022; MARTINS e PEREIRA, 2022; NOGUEIRA e SANTOS, 2023; MARTINS e PEREIRA, 2023; OLIVEIRA e LIMA, 2024). No que concerne aos conteúdos consumidos, o principal é a interação com amigos, o que corrobora a literatura, além de se entender que as relações com os pares são de fundamental importância nessa etapa da vida (MARTINS e FERREIRA, 2022; RIBEIRO ; NUNES, 2023; OLIVEIRA e COSTA, 2023).

Uma das potencialidades apontadas no estudo foi a capacidade de percepção dos adolescentes acerca do efeito positivo ou negativo do tipo de mídia e conteúdo em relação a autoestima. As mídias que influenciam positivamente são Tiktok, Instagram, Youtube. As mídias que influenciam negativamente são Instagram, Tiktok, Youtube, Threads. Esse resultado aponta que as mesmas mídias podem ter impactos tanto positivos quanto negativos, portanto, o que realmente influencia é o conteúdo das publicações e o tempo em que estão sendo acessadas (PAULICH et al., 2021). Os adolescentes que responderam possuírem sua autoestima afetada pelas mídias apontaram que conteúdos da categoria Mundo Fitness são o que mais lhes afetam, seguido por Acompanhar a vida de famosos. Destaca-se que esse tipo de conteúdo pode permitir ao jovem uma idealização do seu corpo e de seu modo de vida, o que é normativo nessa etapa do curso de vida.

No que tange a quantidade de horas online, houve maior concentração de adolescentes que usam de 2 a 3 horas por dia, o que também foi demonstrado na metanálise de Fuchs e Rehm (2023), cujo tempo médio diário de uso de mídias sociais entre adolescentes está entre 2 a 4 horas diárias, com aumentos significativos nos últimos anos devido à popularização de plataformas como TikTok e Instagram.

Outra potencialidade do estudo é a identificação que os adolescentes tiveram do manejo do próprio tempo, pouco mais de um terço dos adolescentes deixam de realizar atividades devido ao tempo gasto nas mídias, ou seja, reconhecendo que poderiam empregar seu tempo em outras atividades, como esporte, estudos para vestibular e curso de idiomas. Nesse sentido, é importante o papel do psicólogo escolar, por exemplo, atuando de forma preventiva na escola por meio de rodas de conversa e oficinas acerca do manejo de tempo, para que os adolescentes

não deixem de realizar atividades importantes para seu desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida a longo prazo.

Em relação ao uso de mídias sociais pelos pais, os resultados mostram que 39% deles utilizam as mídias de 2 a 3 horas por dia e 30,4% utilizam acima de 5 horas por dia. Quando se compara com os adolescentes, percebe-se similaridade no padrão de utilização das mídias sociais. O WhatsApp, Instagram e Tiktok são as mídias mais usadas também pelos pais. A família é um dos microssistemas que mais influência exerce no desenvolvimento de seus membros, assim, não se pode negar que a família na atualidade está mais 'conectada', podendo desenvolver novas formas de interação e comunicação (JO e JANG, 2023).

É consenso na literatura a importância da supervisão ativa dos pais sobre as atividades online dos filhos, estudos concluem que a supervisão parental reduz o risco de exposição a conteúdos inadequados, a dependência digital, cyberbullying, vícios digitais e acesso a conteúdos prejudiciais, reduzindo possíveis impactos negativos do uso de mídias sociais. As pesquisas destacam a importância de estabelecer limites claros e monitorar o tempo de tela, além de dialogar sempre com os adolescentes sobre os cuidados necessários ao estar online nas mídias (DAVIS e CARTER, 2022; MARTINS e SILVA, 2023). Apesar desse tema ser difundido nos estudos científicos, na presente pesquisa a maioria dos pais não monitora a quantidade de horas que os filhos estão nas mídias sociais. Além da supervisão parental, é fundamental reconhecer o papel ativo dos próprios adolescentes nesse processo. Estimular o protagonismo juvenil significa ajudá-los a desenvolver senso crítico, estabelecer seus próprios limites e adotar uma postura cuidadosa diante dos riscos da internet, como a exposição excessiva, a manipulação por algoritmos e os relacionamentos virtuais prejudiciais.

Ressalta-se que 87% dos pais disseram que seus filhos compartilham com eles as publicações, notícias e *memes* via essas plataformas de mídias, o que pode favorecer o vínculo familiar, aproximando os pais e seus filhos. Por outro lado, os resultados indicam que os adolescentes não participam das tarefas domésticas, sendo que a participação e engajamento nesse tipo de atividade pode gerar impactos positivos na vida dos jovens, trazendo responsabilização, autonomia e empatia, gerando sentimentos de pertencimento familiar, além de promover autoestima, rotina e disciplina.

Por fim, ao associar estilos parentais e o nível de autoestima do/a filho/a, não foi revelada correlação significativa para nenhum estilo (permissivo, autoritário ou autoritativo). Este resultado não corrobora as pesquisas realizadas, isto porque a literatura aponta que existe uma

correlação significativa entre estilos parentais e autoestima do filho. Por exemplo, o estilo autoritativo, caracterizado por uma combinação de exigência e apoio emocional, está associado a níveis mais altos de autoestima nos filhos. O comportamento mais permissivo ou negligente tende a resultar em uma autoestima mais baixa ou instável. O estilo autoritário, por sua vez, pode inibir a autoestima ao desencorajar a expressão de opinião e a independência. Dessa forma, faz-se necessário mais pesquisas acerca desta temática (NELSON e PADILLA-WALKER, 2013; SIMPKINS e PARKE, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as mídias sociais se tornaram inerentes ao cotidiano das pessoas, desempenhando um papel fundamental na maneira como ocorrem as comunicações, interações e relacionamentos. O celular, dispositivo predominante de acesso, permite que as pessoas estejam conectadas 24 horas por dia, transformando as mídias sociais em um 'ponto de encontro' virtual constante. Plataformas como Facebook, Instagram, Twitter, TikTok e WhatsApp não são mais apenas ferramentas de entretenimento ou comunicação, mas também influenciam/controlam decisões de consumo, opiniões e comportamentos sociais. Elas oferecem oportunidade constante de conectar indivíduos com interesses semelhantes, criando uma rede de interação que transcende barreiras geográficas e culturais.

O ambiente digital tem impacto profundo na maneira como os adolescentes relacionam entre si e com a família. As mídias sociais digitais proporcionam uma plataforma para a construção e a expressão da identidade pessoal, muitas vezes com base na criação de uma imagem idealizada de si mesmo. A rapidez com que as informações circulam e a natureza fragmentada do conteúdo geram desafios para a veracidade do que é publicado, podendo levar a um cenário em que a distinção entre o real e o virtual se torna cada vez mais complexo.

Durante a adolescência, a busca por identidade e pertencimento é intensificada, e as redes sociais oferecem um palco onde os jovens se expõem e se comparam de maneira constante, buscando ser valorizados e aceitos. Ao verem fotos, status ou vídeos de amigos e influenciadores, a necessidade de ser inserido no meio pode alimentar a busca por padrões muitas vezes irreais de beleza, sucesso e felicidade promovidos nas plataformas digitais, podendo resultar em um aumento da insegurança e da insatisfação com a própria imagem e estilo de vida.

Nessa etapa, os jovens estão buscando entender quem são e como se encaixam no mundo, formando sua própria identidade, e as interações nas mídias sociais têm influenciado este processo. A constante busca pela aceitação nas plataformas digitais torna à aprovação externa constante, devido ao fácil acesso às mídias e ao feedback imediato que elas oferecem por meio de curtidas e comentários, podendo influenciar no seu bem-estar emocional e psicológico.

Compreender as dinâmicas do desenvolvimento adolescente permite identificar necessidades de apoio e intervenção em questões que impactam na identidade desses jovens, como autoestima, relacionamento com os pares, escolhas de vida e saúde mental, além de

fornecer uma base para políticas públicas, práticas educacionais e terapêuticas mais eficazes, promovendo um desenvolvimento saudável e equilibrado desta fase da vida.

Os resultados e discussões apresentados neste estudo permitiram a ampliação de conhecimentos sobre os níveis de autoestima dos adolescentes, o uso de mídias sociais, a caracterização familiar, o uso de mídias sociais pelos pais e a associação entre estilos parentais e o nível de autoestima. Ressalta-se que houve poucas diferenças entre os resultados do nível de autoestima das adolescentes e dos adolescentes.

Os/as adolescentes reconhecem que o tempo gasto em conexão atrapalha o engajamento em outras atividades, assim, é fundamental que os pais tenham atenção e estabeleçam limites de tempo para estes jovens. Além disso, preservem o tempo de qualidade para a interação com os filhos, já que este contato tem impacto direto no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças e adolescentes, influenciando significativamente a autoestima, responsabilidade, autonomia, entre outros processos.

Ao contrário do que a literatura aponta, o resultado desta pesquisa mostrou que pais não supervisionam a quantidade de horas que seus filhos permanecem online. A presença ativa e a supervisão dos pais, incluindo conversas regulares sobre os riscos das redes sociais, tem um papel crucial em reduzir a exposição dos adolescentes a crimes cibernéticos como pedofilia, ao cyberbullying, à exploração de dados pessoais, à *fakenews* e a internalizar o que é visto nas redes como realidade, gerando comparação com um mundo irreal e trazendo baixa autoestima. A presença próxima dos pais ajuda a moldar um uso mais saudável e responsável das plataformas digitais. Assim sendo, existe uma necessidade de implementação de programas de treinamento de pais, com foco em elucidar maneiras de supervisionar os jovens nas mídias sociais de forma não autoritária, estabelecendo conversas, acompanhando de perto e explicando sobre os perigos existentes no mundo digital.

Favorecer a atuação ativa dos jovens é essencial, no intuito de que eles desenvolvam responsabilidade com o meio digital, possibilitando segurança e bem-estar. Para que esse protagonismo seja efetivo, é necessário que haja um esforço conjunto e interdisciplinar, especialmente entre psicólogos e instituições escolares, que podem colaborar em intervenções educativas, rodas de conversa e programas de letramento digital voltados à promoção de um uso mais consciente e saudável das mídias.

Algumas limitações do estudo devem ser consideradas, como a amostra não representativa, já que os dados foram coletados em apenas duas escolas de uma cidade metropolitana do estado de Minas Gerais. A falta de instrumentos adaptados para a participação

de adolescentes com necessidades especiais pode ser considerada outra limitação. Além da baixa participação dos pais, que pode ter influenciado na ausência de associação entre os estilos parentais e o nível de autoestima dos adolescentes.

É importante destacar que a utilização de uma abordagem multimetodológica cumpriu o objetivo de enriquecer o estudo. Utilizaram-se, na presente pesquisa, instrumentos que forneceram dados quantitativos e qualitativos, tornando a discussão dos resultados mais clara e densa. Como sugestão para pesquisas futuras, o fortalecimento de instrumento qulitativos podem fornecer análises mais aprofundadas e complementares.

Considerando a importância dos processos de desenvolvimento que acontecem na adolescência, qualquer variável que apresente impacto significativo sobre esses processos merece atenção e investimento de pesquisas. Assim, espera-se que os resultados deste estudo encorajem a realização de mais pesquisas e intervenções que possam subsidiar a elaboração de políticas públicas na área.

REFERÊNCIAS

ABREU, T. de O.; SOUZA, M. B. A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas. *Revista Sociais & Humanas*, v. 30, n. 1, p. 158, 2017. DOI: https://doi.org/10.5902/2317175825868.

ACAR, I. H.; AVCILAR, G.; YAZICI, G. et al The roles of adolescents' emotional problems and social media addiction on their self-esteem. *Current Psychology*, v. 41, p. 6838–6847, 2022. DOI: https://doi.org/10.1007/s12144-020-01174-5.

ANDRADE, L. et al A utilização das mídias sociais digitais no cuidado psicossocial infantojuvenil, diante da pandemia por Covid-19. *Health Residencies Journal - HRJ*, v. 1, n. 2, p. 44–61, 2020. DOI: https://doi.org/10.51723/hrj.v1i2.12.

ARREGUY, M. E. Violência e ausência de psicólogos nas escolas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, n. 1, p. 229–252, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73312014000100013.

ASHTON, J. J.; BEATTIE, R. M. Screen time in children and adolescents: is there evidence to guide parents and policy? *The Lancet Child & Adolescent Health*, v. 3, n. 5, p. 292–294, 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/S2352-4642(19)30088-1.

AVANCI, J. Q. et al Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 20, n. 3, p. 397–405, 2007. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300007.

BAGGIO, M.; CHIO, R. Social media use and family dynamics: An exploration of changes in family communication patterns and relationship quality. *Journal of Family Communication*, v. 20, n. 3, p. 151–167, 2020.

BALTES, P. B.; LINDENBERGER, U.; STAUDINGER, U. M. Life span theory in developmental psychology. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. 6. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2006. v. 1, p. 569–664.

BANDURA, A. *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman, 1997.

BARRETO JR., I. F.; PELLIZZARI, B. H. M. Bolhas sociais e seus efeitos na sociedade da informação: ditadura do algoritmo e entropia na internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, v. 14, n. 2, 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0049/2019.v5i2.5856.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, v. 4, p. 1–103, 1971. DOI: http://dx.doi.org/10.1037/h0030372.

BAUMRIND, D. The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, v. 11, n. 1, p. 56–95, 1991.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, v. 37, p. 887–907, 1996. DOI: https://doi.org/10.2307/1126611.

BEERES, D. T. et al Social media and mental health among early adolescents in Sweden: a longitudinal study with 2-year follow-up (KUPOL Study). *The Journal of Adolescent Health*, v. 68, n. 5, p. 953–960, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.042.

BOECKEL, M. G.; SARRIERA, J. C. Análise fatorial do Questionário de Estilos Parentais (PAQ) em uma amostra de adultos jovens universitários. *Psico-USF*, v. 10, n. 1, p. 1–9, 2005.

BOER, M. et al Social media use intensity, social media use problems, and mental health among adolescents: investigating directionality and mediating processes. *Computers in Human Behavior*, v. 116, 106645, 2020.

BRAVO, L. G.; TAPIA, L. M. Relación entre autoestima, depresión y apego en adolescentes urbanos de la comuna de Concepción, Chile. *Terapia Psicológica*, v. 24, n. 1, p. 5–14, 2006.

BREAKWELL, G. M. et al *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development*. New York: John Wiley, 1998. v. 1, p. 993–1028.

BUTURI, L. V.; PANZA, O. M. Direito penal: internet x estupro virtual e pedofilia. *Repositório Universitário da Ânima – RUNA*, 2021. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/18639. Acesso em: 19 jun. 2025.

CAVALCANTE, L. A. C. Cyberpedophilia: sex crimes against children and adolescents committed over the internet. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 2, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i1.1816.

CHARMARAMAN, L. et al Early adolescent social media-related body dissatisfaction: associations with depressive symptoms, social anxiety, peers, and celebrities. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, v. 42, n. 5, p. 401–407, 2021. DOI: https://doi.org/10.1097/DBP.0000000000000911.

COLE, D. A. et al The development of multiple domains of child and adolescent self-concept: a cohort sequential longitudinal design. *Child Development*, v. 72, p. 1723–1746, 2001. DOI: https://doi.org/10.1111/1467-8624.00375.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. TIC Kids Online Brasil 2014: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: CGI.br, 2015. Disponível em: http://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2014_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2018. São Paulo: Cetic.br, 2018. Disponível em: https://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2018/. Acesso em: 19 jun. 2025.

COSTA, L. S.; SOUZA, A. F. O impacto do Instagram e TikTok no comportamento social de adolescentes. *Revista Brasileira de Estudos de Mídia e Comunicação*, v. 35, n. 4, p. 270–285, 2022.

COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND MEDIA. Policy statement—sexuality, contraception, and the media. *Pediatrics*, v. 126, n. 3, p. 576–582, 2010. DOI: https://doi.org/10.1542/peds.2010-1544.

DAMON, W.; LERNER, R. M. (Ed.). *Handbook of child psychology: theoretical models of human development*. 6. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2006.

DAVIS, K.; CARTER, J. Parental monitoring of adolescents' online activities and their impact on social media use. *Journal of Child and Family Studies*, v. 31, n. 2, p. 157–170, 2022.

DESSEN, M. A. Questionário de caracterização do sistema familiar. In: WEBER, L.; DESSEN, M. A. (Org.). *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*. Curitiba: Juruá, 2009. p. 102–114.

DESSEN, M. A.; BISINOTO, C. Avanços conceituais e teóricos em desenvolvimento humano: as bases para o diálogo multidisciplinar. In: DESSEN, M. A.; MACIEL, D. A. (Org.). *A ciência do desenvolvimento humano: desafios para a psicologia e a educação*. Curitiba: Juruá, 2014. p. 27–69.

DOSSIÊ COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Revista Comunicação & Inovação*, v. 21, n. 47, 2020.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (Trabalho original publicado em 1968).

FERREIRA, E. Z. et al Internet influence on the biopsychosocial health of adolescents: an integrative review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, n. 2, e20180766, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0766.

FIELD, A. Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics. Sage Publications, 2018.

FORS, P.; BARCH, D. M. Relações diferenciais de ansiedade e depressão infantil com relato da criança e relato dos pais sobre o uso de mídia eletrônica. *Psiquiatria Infantil e Desenvolvimento Humano*, v. 50, n. 6, p. 907–917, 2019. DOI: https://doi.org/10.1007/s10578-019-00892-7.

FREIRE, T.; TAVARES, D. Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. *Revista de Psiquiatria Clínica*, v. 38, n. 5, p. 184–188, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-60832011000500003.

FUCHS, D.; REHM, M. Time Spent on Social Media: A Meta-Analysis of Adolescents' Digital Engagement. *Journal of Youth and Adolescence*, v. 52, n. 3, p. 444-461, 2023.

GOMIDE, P. I. C. Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

GONÇALVES, B. G.; NUERNBERG, D. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. *Revista de Ciências Humanas*, v. 46, n. 1, p. 165-182, 2012.

HARTER, S. The construction of the self: a developmental perspective. New York: Guilford Press, 1999.

HARTER, S.; WHITESELL, N. R. Beyond the debate: why some adolescents report stable self-worth over time and situation, whereas others report changes in self-worth. *Journal of Personality*, v. 71, p. 1027-1058, 2003. DOI: https://doi.org/10.1111/1467-6494.7106006.

HOHENDORFF, J. V.; PATIAS, N. D. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Revista do Departamento de Ciências Humanas*, v. 49, p. 239-257, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474.

HUTZ, C. S. Adaptação brasileira da escala de auto-estima de Rosenberg. 2000. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

HUTZ, C. S.; MIDGETT, A.; PACICO, J. C.; BASTIANELLO, M. R.; ZANON, C. The relationship of hope, optimism, self-esteem, subjective well-being, and personality in Brazilians and Americans. *Psychology*, v. 5, n. 6, 2014. DOI: 10.4236/psych.2014.56061.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua). 2022.

INHELDER, B.; PIAGET, J. Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais. Trad. D. M. Leite. São Paulo: Pioneira, 1976. (Obra original publicada em 1958).

JALBY, V. VijMR: table and graph for multiple response questions. Versão 2.0.0, 2024. Disponível em: https://github.com/vjalby/vijMR. Acesso em: 19 jun. 2025.

JO, S.; JANG, M. Y. Concept analysis of adolescent use of social media for emotional well-being. *International Journal of Nursing Practice*, v. 29, n. 1, 2023. DOI: https://doi.org/10.1111/ijn.13116.

KLEIMAN, E. M.; RISKIND, J. H. Utilized social support and self-esteem mediate the relationship between perceived social support and suicide ideation. *Crisis*, v. 34, n. 1, p. 42-49, 2013. DOI: 10.1027/0227-5910/a000159.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de outubro de 2015. Combate à intimidação sistemática (bullying). Presidência da República, Secretaria-Geral, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 19 jun. 2025.

LEIJSE, M. M. L.; KONING, I. M.; VAN DEN EIJNDEN, R. J. J. M. The influence of parents and peers on adolescents' problematic social media use revealed. *Computers in Human Behavior*, v. 143, p. 1-8, 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.chb.2023.107705.

LERNER, R. Promoting positive human development and social justice: integrating theory, research and application in contemporary developmental science. *International Journal of Psychology*, v. 50, p. 165-173, 2015.

LERNER, R. M. Promoting positive youth development: theoretical and empirical bases (white paper). Workshop on the Science of Adolescent Health and Development, National Research Council, Washington, DC: National Academy of Sciences, 2005.

LERNER, R. M. The positive youth development perspective: theoretical and empirical bases of a strengths-based approach to adolescent development. In: LOPEZ, S. J.; SNYDER, C. R. (Eds.). *Oxford handbook of positive psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 149–163.

LI, J.; DELVECCHIO, E.; DI RISO, D.; SALCUNI, S.; MAZZESCHI, C. Self-esteem and its association with depression among Chinese, Italian, and Costa Rican adolescents: a cross-cultural study. *Personality and Individual Differences*, v. 82, p. 20-25, 2015. DOI: 10.1016/j.paid.2015.02.036.

LOPES, H. P. Um olhar sobre a família – considerações sobre a composição e a filiação homoparental. In: GARCIA, A. C. B. B. F. (Org.). *Terapia familiar na prática*. Cap. 4, p. 57–69. Appris, 2022.

LOURENÇO, B.; QUEIROZ, L. B. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. *Revista de Medicina*, v. 89, n. 2, p. 70–75, 2010. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v89i2p70-75.

LUCIANA, M. Adolescent brain development in normality and psychopathology. *Development and Psychopathology*, v. 25, n. 4 (02), p. 1325, 2013. DOI: 10.1017/S0954579413000643.

MARENGO, N. et al Cyberbullying and problematic social media use: an insight into the positive role of social support in adolescents—data from the Health Behaviour in School-aged Children study in Italy. *Public Health*, v. 199, p. 46–50, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.puhe.2021.08.010.

MARRONE, B. D.; SOUZA, L. K.; HUTZ, C. S. O uso de escalas psicológicas para avaliar autoestima. *Avaliação Psicológica*, v. 18, n. 3, p. 229-238, 2019. DOI: http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1803.15982.02.

MARTÍN-ALBO, J.; NÚÑEZ, J.; NAVARRO, J.; GRIJALVO, F. The Rosenberg Self-Esteem Scale: translation and validation in university students. *The Spanish Journal of Psychology*, v. 10, n. 2, p. 458-467, 2007.

MARTINS, E.; SILVA, L. The role of parental supervision in mitigating online risks for adolescents. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 26, n. 5, p. 309-317, 2023.

MARTINS, D. S.; PEREIRA, R. S. Adolescentes e as redes sociais: o caso do TikTok. *Revista de Psicologia Digital e Comportamento*, v. 18, n. 3, p. 220-235, 2023.

MARTINS, P.; FERREIRA, T. Impacto do Instagram nas percepções de autoimagem e beleza entre jovens. *Revista de Comunicação e Psicologia*, v. 18, n. 1, p. 142-157, 2022.

MCDANIEL, B. T.; COYNE, S. M. Social media use and family interaction: the impact on adolescents' emotional and behavioral development. *Journal of Adolescence*, v. 82, p. 132-144, 2023.

MENDONÇA, S. H. V. A influência dos estilos parentais na utilização da internet por crianças e adolescentes. 2016. Dissertação (Mestrado) – Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: http://hdl.handle.net/10071/13471. Acesso em: 19 jun. 2025.

MILEVSKY, A.; SCHLECHTER, M.; NETTER, S. et al Maternal and paternal parenting styles in adolescents: associations with self-esteem, depression and life satisfaction. *Journal of Child and Family Studies*, v. 16, p. 39–47, 2007. DOI: https://doi-org.ez25.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-006-9066-5.

MINEV, M.; PETROVA, B.; MINEVA, K.; PETKOVA, M.; STREBKOVA, R. Self-esteem in adolescents. *Trakia Journal of Sciences*, v. 2, p. 114–118, 2018. DOI: https://doi.org/10.15547/tjs.2018.02.007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília, 2007. ISBN 85-334-0856-0.

MONTEIRO, B.; MOTA, C. P. Estilos parentais e o risco no uso das mídias sociais em adolescentes e jovens adultos: papel mediador da personalidade. *Psicologia*, v. 35, n. 1, p. 71–84, 2021. DOI: https://doi.org/10.17575/psicologia.v35i1.1641.

MYERS, D. G.; DIENER, E. Who is happy? *Psychological Science*, v. 6, n. 1, p. 10–19, 1995. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.1995.tb00298.x.

NELSON, S. K.; PADILLA-WALKER, L. M. Parenting style and adolescent identity development: a longitudinal study. *Journal of Adolescence*, v. 36, n. 6, p. 1074-1083, 2013.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. *Temas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 nov. 2023.

NEVES, K. S. S.; FOSSE, M.; OLIVEIRA, S.; TORRES, T. R.; NAPOLITANO, M. A. Da infância à adolescência: o uso indiscriminado das mídias sociais. *Revista Ambiente Acadêmico*, v. 1, n. 2, p. 119-140, 2015. ISSN 2447-7273.

NOGUEIRA, F. P.; SANTOS, R. C. Redes sociais e juventude: a popularidade do WhatsApp, Instagram e TikTok. *Revista de Estudos Sociais e Culturais*, v. 41, n. 2, p. 165-180, 2023.

OLIVEIRA, F. A.; COSTA, L. Instagram como espaço de construção de identidade para adolescentes. *Revista de Psicologia Social*, v. 24, n. 4, p. 89-104, 2023.

OLIVEIRA, F. C.; LIMA, P. T. WhatsApp como ferramenta de socialização e comunicação para os jovens brasileiros. *Revista Brasileira de Comunicação e Tecnologia*, v. 12, n. 2, p. 102-119, 2024.

PAIXÃO, R. F.; PATIAS, N. D.; DELL'AGLIO, D. D. Self-esteem and symptoms of mental disorder in the adolescence: associated variables. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 34, e34436, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0102.3772e34436.

PAULICH, K. N.; ROSS, J. M.; LESSEM, J. M.; HEWITT, J. K. Screen time and early adolescent mental health, academic, and social outcomes in 9- and 10-year-old children: utilizing the Adolescent Brain Cognitive Development℠ (ABCD) Study. *PloS One*, v. 16, n. 9, e0256591, 2021. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0256591.

PEREIRA, V. R. P.; MEIRA, G. M. G. S. A normalização da cultura de crimes contra a dignidade feminina na canção “sabotaram o meu copo” e a exaltação da sexualização de crianças na plataforma TikTok. *Revista Philologus*, v. 27, n. 81, p. 328-340, 2021.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1964.

PINHEIRO, A. P. O. R. S.; SENA, M. C. D.; GONÇALVES, R. D. A.; SOUZA, J. M. Autoestima como fator protetivo para a saúde mental. *ID on line. Revista de Psicologia*, v. 17, n. 68, 2023. DOI: https://doi.org/10.14295/idonline.v17i68.3844.

PINQUART, M.; GERKE, D. C. Associations of parenting styles with self-esteem in children and adolescents: a meta-analysis. *Journal of Child and Family Studies*, v. 28, p. 2017–2035, 2019. DOI: https://doi-org.ez25.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10826-019-01417-5.

PRZYBYLSKI, A. K.; WEINSTEIN, N. Can you connect with me now? How the presence of mobile communication technology influences face-to-face conversation quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, v. 38, n. 7, p. 1412-1432, 2021. DOI: 10.1177/0265407512453827.

R CORE TEAM. R: a language and environment for statistical computing. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2019. Disponível em: https://www.R-project.org/.

RIBEIRO, M. P.; NUNES, T. Comédia e conteúdo viral no TikTok: a ascensão de novos formatos de entretenimento digital. *Revista de Estudos de Mídia e Cultura*, v. 17, n. 3, p. 200-215, 2023.

ROSEN, L. D. et al The impact of social media use on adolescent family relationships. *Computers in Human Behavior*, v. 112, 106460, 2020. DOI: 10.1542/peds.2011-0054.

ROSENBERG, M. Society and the adolescent self-image. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1989. (Obra original publicada em 1956).

ROYANT-PAROLA, S.; LONDE, V.; TRÉHOUT, S.; HARTLEY, S. Nouveaux médias sociaux, nouveaux comportements de sommeil chez les adolescents - The use of social media modifies teenagers' sleep-related behavior. *L'Encephale*, v. 44, n. 4, p. 321–328, 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.encep.2017.03.009.

SAMPASA-KANYINGA, H.; GOLDFIELD, G. S.; KINGSBURY, M.; CLAYBORNE, Z.; COLMAN, I. Social media use and parent-child relationship: a cross-sectional study of adolescents. *Journal of Community Psychology*, v. 48, n. 3, p. 793–803, 2020. DOI: https://doi.org/10.1002/jcop.22293.

SANTANA, J. J. et al O impacto das redes sociais na autoimagem e autoestima de adolescentes. *OSR Journal of Business and Management (IOSR-JBM)*, v. 26, n. 10, p. 1–10, 2024. DOI: https://doi.org/10.9790/487X-2610020110.

SANTOS, C. Covid-19 e saúde mental dos adolescentes: vulnerabilidades associadas ao uso de internet e mídias sociais, 2021. DOI: https://doi.org/10.15628/holos.2021.11651.

SANTOS, G. S. dos; QUEIROZ, A. B. A.; TURA, L. F. R.; PENNA, L. H. G.; PARMEJIANI, E. P.; PINTO, C. B. Social representations of adolescents about sexuality on the internet. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, e20200488, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2020-0488.

SANTOS, V. V. S. et al Uso de telas e os perigos à saúde mental de crianças e adolescentes: revisão integrativa. *Revista Científica de Enfermagem*, v. 14, n. 42, p. 169-184, 2024. DOI: https://doi.org/10.24276/rrecien2024.14.42.169184.

SBICIGO, J. B.; BANDEIRA, D. R.; DELL'AGLIO, D. D. Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, p. 395–403, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300012.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 101–108, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013.

SGARBOSA, L.; PINTO, G. S. A influência das mídias sociais e o fácil acesso à internet e suas consequências para os adolescentes e jovens brasileiros. *Revista Interface Tecnológica*, v. 19, n. 2, 2022. DOI: https://doi.org/10.31510/infa.v19i2.

SILVA, F. C.; ALMEIDA, M. J. Novas configurações familiares no Brasil: impactos da diversificação dos arranjos familiares no contexto sociodemográfico brasileiro. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 31, n. 2, p. 45-61, 2023.

SIMPINS, S. D.; PARKE, R. D. Authoritative parenting and its impact on children's psychological development. *Journal of Family Psychology*, v. 28, n. 1, p. 6-13, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA – SBP. SBP atualiza recomendações sobre saúde de crianças e adolescentes na era digital, 11 fev. 2016. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/sbp-atualiza-recomendacoes-sobresaude-de-criancas-e-adolescentes-na-era-digital/.

SOUZA, D. S. de; SOUZA, E. F. de; PEREIRA, S. O. Risks associated with undirected use of hormonal anabolizers. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 14, e551101422552, 2021. DOI: https://doi.org/10.33448/rsd-v10i14.22552.

SOUZA, K.; CUNHA, M. X. C. Impactos do uso das mídias sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. *Educação, Psicologia e Interfaces*, v. 3, n. 3, 2019. DOI: https://doi.org/10.37444/issn-2594-5343.v3i3.156.

STEIGER, A. E.; ALLEMAND, M.; ROBINS, R. W.; FEND, H. A. Low and decreasing self-esteem during adolescence predict adult depression two decades later. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 106, n. 2, p. 325-338, 2014. DOI: 10.1037/a0035133.

THE JAMOVI PROJECT. Jamovi. Versão 2.4. [software de computador], 2023. Disponível em: https://www.jamovi.org.

TIGGEMANN, M.; SLATER, A. NetGirls: the Internet, Facebook, and body image concern in adolescent girls. *The International Journal of Eating Disorders*, v. 46, n. 6, p. 630–633, 2013. DOI: https://doi.org/10.1002/eat.22141.

TRZESNIEWSKI, K. H.; DONNELLAN, M. B.; ROBINS, R. W. Stability of self-esteem across the life span. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 84, n. 1, p. 205–220, 2003. DOI: https://doi.org/10.1037/0022-3514.84.1.205.

VERMEULEN, A.; VANDEBOSCH, H.; HEIRMAN, W. #Smiling, #venting, or both? Adolescents' social sharing of emotions on social media. *Computers in Human Behavior*, v. 84, p. 211-219, 2018. DOI: https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.022.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEBER, L. N. D. Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e o uso de substâncias por adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, v. 2, n. 1, p. 157-168, 2017.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. de M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. *Psicologia Clínica*, v. 25, n. 1, p. 73–87, 2013. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005.

YANG, X.; LIU, X. Social media use and family interaction: the moderating role of parental control. *Computers in Human Behavior*, v. 115, 106602, 2021.

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO SOBRE O USO DE MÍDIAS SOCIAIS

Data de preenchimento: ___/___/___

Iniciais do Nome:_____ **Idade:**_____

Sexo: ( )F ( )M

Gênero:( ) Cisgênero ( ) Transgênero ( ) Não-binário ( )Outro:_____

Escola: _____

Ano escolar: ( )1º ano ( ) 2º ano ( ) 3° ano

Nacionalidade: _____

Com quem você tem mais afinidade em sua família (que reside no mesmo ambiente que você)?

_____

Telefone para contato do responsável: _____

1. **Quais mídias sociais você utiliza? (pode marcar mais de uma opção)**

( ) Instagram

( ) WhatsApp

( ) Facebook

( ) TikTok

( ) Twitter

( ) Telegram

( ) Snapchat

( ) Outras: _____

2. **Em geral, você faz uso de qual tipo de aparelho para acessar essas mídias?**

( ) Celular

( ) Notebook

( ) Tablet

( ) Outros aparelhos:_____

3. Em relação à questão anterior, esse aparelho é:

( ) Próprio

( ) De algum membro da família

( ) Outro _____

4. Em média, quanto tempo você gasta estando online em suas mídias sociais por dia?

( ) Até 1 hora por dia

( ) De 2 a 3 horas por dia

( ) De 3 a 4 horas por dia

( ) De 4 a cinco horas por dia

( ) Acima de 5 horas por dia

5. Em quais das mídias citadas abaixo, você permanece por mais tempo?

( ) Instagram

( ) WhatsApp

( ) Facebook

( ) TikTok

( ) Twitter

( ) Telegram

( ) Snapchat

( ) Outras: _____

6. Você considera excessiva essa quantidade de horas online? Por quê?

( ) Sim ( ) Não

Porque _____

7. Quais conteúdos você mais consome nas suas mídias? (Pode marcar mais de uma opção)

( ) Interação com amigos

( ) Interação com familiares

( ) Interação com pessoas que você não tem convívio

( ) Memes

( ) Acompanhar a vida de famosos e blogueiras

( ) Mundo Fitness e Esportes (musculação/dietas)

( ) Notícias e Política

( ) Empreendimentos

( ) Vídeos para distração (animais de estimação, slines)

( ) Moda, tutoriais de maquiagem

( ) Receitas culinárias

( ) ASMR

( ) Outros: _____

8. No momento em que está usando as mídias sociais ou após o uso, você percebe algum tipo de sentimento ou emoção que te abala?

( ) Sim
( ) Não

9. Em caso afirmativo na questão anterior, considerando o conteúdo mais frequente consumido por você, como você definiria esse sentimento/emoção?

( ) Alegria ( ) Nojo ( )Medo ( )Raiva ( ) tristeza ( ) Outro: _____

10. Você considera que usar as mídias sociais afeta sua autoestima?

Obs: considere autoestima como sendo a avaliação que você faz de si mesmo, demonstrando uma atitude de aprovação ou de rejeição de suas características.

( ) Sim
( ) Não

Se você respondeu SIM na questão acima (questão 10), continue respondendo até a questão 13.
Se você respondeu NÃO na questão acima (questão 10) avance para a questão 14.

11. Se sim, as mídias sociais têm afetado sua autoestima, com mais frequência, de que forma?

( ) Positiva ( ) Negativa ( ) Nenhuma das opções: _____

12. Em qual ou quais mídias você identifica, com mais frequência, esse efeito?

( ) Instagram

( ) WhatsApp

( ) TikTok

( ) Twitter

( ) Telegram

( ) Youtube

( ) Outras: _____

13. Qual/quais tipo (s) de conteúdo (s) mais afetam sua autoestima?

( ) Interação com amigos

( ) Interação com familiares

( ) Interação com pessoas que você não tem convívio

( ) Memes

( ) Acompanhar a vida de famosos e blogueiras

( ) Mundo Fitness e Esport s (musculação/dietas)

( ) Notícias e Política

( ) Empreendimentos

( ) Vídeos para distração (animais de estimação, slines)

( ) Moda, tutoriais de maquiagem

( ) Receitas culinárias

( ) ASMR

( ) Outros: _____

14. Na sua avaliação, o seu tempo de acesso nas mídias sociais atrapalha o seu vínculo com sua família (momentos de lazer, conversas, refeições em conjunto)?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

15. Você trabalha ou possui alguma outra atividade diária além do estudo no Ensino Médio regular?

( )Trabalho ( )Estágio ( )Menor aprendiz ( )Curso Técnico ( )Cursinho pré-vestibular ( )Outro: _____

16. Você auxilia nas atividades domésticas cotidianamente?

( )Sim, sempre ( )Às vezes ( )Não, nunca

APÊNDICE B
QUESTIONÁRIO SOBRE USO DE MÍDIAS SOCIAIS PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

1. **Você possui mídias sociais?**

( ) Sim ( ) Não

2. **Se sim, quais?**

( ) Instagram
( ) WhatsApp
( ) Facebook
( ) TikTok
( ) Twitter
( ) Telegram
( ) Snapchat
( ) Outras: _____

3. **Em média, quanto tempo você gasta estando online em suas mídias sociais por dia?**

( ) Até 1 hora por dia
( ) De 2 a 3 hpras por dia
( ) De 3 a 4 horas por dia
( ) De 4 a 5 horas por dia
( ) Acima de 5 horas por dia

4. **Você considera excessiva essa quantidade de horas online?**

( ) Sim ( ) Não

5. **Em quais das mídias citadas abaixo, você considera que permanece por mais tempo?**

( ) Instagram
( ) WhatsApp
( ) Facebook
( ) TikTok
( ) Twitter
( ) Telegram
( ) Youtube
( ) Outras: _____

6. **Quais conteúdos você mais consome nas suas mídias? (Pode marcar mais de uma opção)**

( ) Interação com amigos
( ) Interação com familiares
( ) Interação com pessoas que você não tem convívio
( ) Memes
( ) Acompanhar a vida de famosos e blogueiras
( ) Mundo Fitness e Esportes
( ) Notícias e Política
( ) Empreendimentos
( ) Vídeos para distração (animais de estimação, slines)
( ) Moda
( ) Receitas culinárias
( ) Outros: _____

7. **Você supervisiona/controla a quantidade de horas que seu filho permanece nas mídias sociais?**

( ) Sim ( ) Não

8. **Você supervisiona/controla o tipo de conteúdo que seu filho consome nas mídias sociais?**

( ) Sim ( ) Não

9. **Seu filho compartilha com você (envia, conversa sobre, mostra) conteúdos que ele consome nas mídias sociais?**

( ) Sim **( ) Não**

10. Seu filho auxilia nas atividades domésticas?

( )Sim, sempre ( )Às vezes ( )Não, nunca

ANEXO A

ESCALA DE AUTOESTIMA DE ROSENBERG

Leia cada frase com atenção e faça um círculo em torno da opção mais adequada

1. Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

2. Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

3. Eu acho que tenho muitas boas qualidades
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

4. Eu tenho motivos para me orgulhar na vida
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

5. De um modo geral, eu estou satisfeito (a) comigo mesmo (a)
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

7. Eu sinto vergonha de ser do jeito que eu sou
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

8. Às vezes, eu penso que não presto para nada
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

9. Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso
   (1) Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

10. Às vezes, eu me sinto inútil

(1)Discordo totalmente (2) Discordo (3) Concordo (4) Concordo totalmente

ANEXO B

QUESTIONÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS (PAQ)

	Discordo totalmente	**Discordo**	**Não concordo nem discordo**	**Concordo**	**Concordo totalmente**
1- Eu acredito que em uma família bem estruturada os adolescentes devem fazer as coisas do seu próprio jeito, como quiserem.					
2- Eu obrigo o meu filho a fazer as coisas que eu acredito ser correto, mesmo que ele não concorde.					
3- Sempre que eu peço o meu filho para fazer algo, eu espero que ele faça imediatamente sem questionamentos.					
4- Quando uma regra familiar é estabelecida, eu explico os motivos desta para o meu filho.					
5- Eu encorajo o diálogo quando o meu filho sente que as regras e restrições familiares não estão de acordo com que ele pensa.					
6- Eu acredito que um adolescente necessita ser livre para tomar as suas próprias decisões e fazer o que quiser, mesmo que isso não esteja de acordo com o meu desejo.					
7- Eu não permito que meu filho questione nenhuma decisão minha.					
8- Eu oriento o meu filho através do diálogo e da disciplina.					
9- Eu penso que devo usar a minha autoridade para conseguir que o meu filho se comporte como deve.					
10- Eu acho que o meu filho não precisa obedecer às regras e normas de comportamento simplesmente porque alguém com autoridade estabeleceu.					
11- O meu filho sabe o que eu espero dele, mas ele é livre para conversar quando não concordar.					
12- Eu acredito que pais sábios devem ensinar desde cedo aos seus filhos quem é o chefe da família.					

13- Eu raramente dou orientações ao meu filho sobre o comportamento dele.					
14- Quando são estabelecidas as decisões familiares, na maioria das vezes, faço o que o meu filho quer.					
15- Eu dou orientações ao meu filho de forma clara e consistente.					
16- Eu fico muito chateado quando o meu filho tenta discordar de mim.					
17- Eu acredito que a maior parte dos problemas na sociedade seria resolvida se os pais não restringissem as atividades, as decisões e os desejos dos filhos durante o seu crescimento.					
18- Eu deixo claro o comportamento que espero do meu filho e, quando ele não corresponde às minhas expectativas, eu o puno.					
19- Eu permito ao meu filho decidir a maior parte das coisas sozinho sem dar muitas orientações.					
20- Eu levo em consideração a opinião do meu filho nas decisões familiares, mas não tomo as decisões.					
21- Eu não me sinto responsável por orientar e dirigir o comportamento do meu filho.					
22- Eu tenho padrões bem definidos de comportamento para o meu filho, mas estou disposto a ajustar esses padrões de acordo com as necessidades individuais de cada um.					
23- Eu oriento o comportamento do meu filho e espero que ele siga as minhas orientações, mas sempre ouço as suas opiniões e converso com ele.					
24- Eu permito que o meu filho tenha o seu próprio ponto de vista nos assuntos familiares e não dou importância caso ele decida por ele mesmo o que ele irá fazer.					
25- Eu penso que a maioria dos problemas na sociedade seria resolvida se os pais fossem mais rígidos e autoritários com os seus filhos.					
26- Eu sempre digo ao meu filho exatamente o que fazer e como fazer.					
27- Eu dou direções claras para os comportamentos do meu filho e para as suas atividades, mas também sou					

compreensivo quando ele discorda delas.					
28- Eu não dou orientações com relação aos comportamentos, às atividades e aos desejos do meu filho na minha família.					
29- O meu filho sabe o que eu espero dele, e insisto que ele atenda às minhas expectativas simplesmente por respeito a minha autoridade.					
30- Seu eu tomo uma decisão que magoa o meu filho, eu estou disposto a conversar com ele e admitir as minhas falhas.					

ANEXO C

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

IDENTIFICAÇÃO

1. Adolescente (iniciais): _____

2. Data de nascimento: ___/___/___

3. Residência: Área urbana ( ) Área rural ( ): _____

( ) centro (especificar) _____

( ) periferia (especificar) _____

Há quanto tempo reside nesta localidade? _____

4. Questionário respondido por:

( )mãe ( )pai ( )outro _____

5. Identificação do responsável participante (iniciais): _____

6. Data de nascimento: ___/___/___

7. Quantas pessoas moram na casa: _____ Adultos: _____ Adolescentes: _____ Crianças: _____ Idosos: _____

8. Aplicador: _____ Data: ___/___/___

Início: ___hs ___min Término: ___hs ___min

DADOS DEMOGRÁFICOS

1. Nome da mãe (iniciais): _____

Nome do pai (iniciais):_____

2. Estado civil atual dos genitores:

a) ( )casados ( )vivem juntos ( )separado/divorciado ( )viúvo

b) Quantos irmãos o adolescente possui? _____

3. Escolaridade (com quem reside com o adolescente):

Mãe ou madrasta:

Completo: ( )Ensino Fundamental ( )Ensino Médio ( )Ensino Superior

Incompleto: ( )Ensino Fundamental ( )Ensino Médio ( )Ensino Superior ( ) Outros: _____

Pai ou padrasto:

Completo: ( )Ensino Fundamental ( )Ensino Médio ( )Ensino Superior

Incompleto: ( )Ensino Fundamental ( )Ensino Médio ( )Ensino Superior

( ) Outros: _____

4. Sobre a ocupação dos membros familiares (que reside com o adolescente):

b) Mãe ou madrasta:

Horas de trabalho por dia:_____

Quantos dias na semana: ( ) 2ª à 6ª ( ) 2ª à sábado ( ) 2ª à domingo ( ) trabalho por escala

c) Pai ou padrasto:

Horas de trabalho por dia:_____

Quantos dias na semana: ( ) 2ª à 6ª ( ) 2ª à sábado ( ) 2ª à domingo ( ) trabalho por escala

5. Religião

a) A família possui religião? ( )Sim ( )Não

b) Qual? ( )Católica ( )Evangélico ( )Espírita

( )Outras

c) Freqüência: ( ) semanalmente ( ) quinzenalmente ( ) mensalmente ( ) esporadicamente (pelo menos uma vez por ano) ( ) não frequenta

6. Renda Familiar ATUAL (por mês):

( ) 1 salário mínimo[R$1.412,00]

( ) de 1 à 2 salários mínimos [R$1.412,01 à 2.824,00]

( ) de 2 à 3 salários mínimos [R$2.824,01 à R$4.236,00]

( ) de 3 à 5 salários mínimos [R$4.236,01 à R$7.060,00]

( ) Acima de 5 salários mínimos [Acima de R$7.060,01]

7. Constelação familiar:

a) Número de pessoas na família: _____

b) Crianças residentes: _____

c) Adolescentes residentes: _____

d) Idosos residentes: _____

CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA FAMILIAR

1. Tipos de atividades de lazer

Quais são as atividades de lazer que a família realiza?

( ) Religiosas

( ) Assistência a comunidade

( ) Festas/Eventos na comunidade

( ) Encontros com famílias e amigos

( ) Visitas

( ) Encontros em locais públicos/Alimentação

( ) Culturais/ Museus

( ) Cinema/Teatro

( ) Outras: _____

( ) Não participa de atividade de lazer

2. Com quem a família compartilha as atividades de lazer?

( ) Todos os membros da família

( ) Toda família com avós (que residem no mesmo local)

( ) Apenas mãe e filhos

( ) Toda família com parentes em geral

( )Apenas pai e filhos

( ) Toda família com amigos

3. Uso de substâncias na família:

Cigarro: ( )Mãe ( ) Pai ( ) Adolescente em questão ( ) Outro filho ( ) Avó materna ( ) Avô materno ( ) Avó paterna ( ) Avô paterno ( ) Outros: _____

Álcool: ( )Mãe ( ) Pai ( ) Adolescente em questão ( ) Outro filho ( ) Avó materna ( ) Avô materno ( ) Avó paterna ( ) Avô paterno ( ) Outros: _____

Outras drogas: ( )Mãe ( ) Pai ( ) Adolescente em questão ( ) Outro filho ( ) Avó materna ( ) Avô materno ( ) Avó paterna ( ) Avô paterno ( ) Outros: _____

ANEXO D

PERCENTIS UTILIZADOS PARA ANALISAR O NÍVEL DE AUTOESTIMA

Tabela

Percentis para a Amostra toda (n=104)

Percentil	Escore Bruto
5	7
10	10,4
20	14
30	15,6
40	18
50	19
60	20,2
70	22
80	24
90	27

Tabela 4

Percentis para o Sexo Feminino (n=57)

Percentil	Escore Bruto
5	7
10	10,4
20	14
30	15,6
40	18
50	19
60	20,2
70	22
80	24
90	27

Tabela 5

Percentis para o Sexo Masculino (n=47)

Percentil	Escore Bruto
5	6
10	8
20	14
30	17,5
40	19
50	21
60	22
70	24
80	27
90	29,5

ANEXO E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **"**Autoestima de adolescentes, mídias sociais e família: um estudo exploratório**".** O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é compreender o nível de autoestima dos adolescentes, considerando as diversas influências que este público recebe atualmente das mídias sociais. Nesta pesquisa pretendemos identificar as associações entre a autoestima de adolescentes e o engajamento nas mídias sociais e investigar como os estilos parentais correlacionam com a autoestima destes jovens.

Caso você concorde na participação do menor ele responderá uma escala sobre autoestima, um questionário sobre padrões de uso das mídias sociais e uma escala de estilos parentais. Posteriormente, você ou outro responsável (pai ou mãe) será convidado a participar também, porém de forma online, respondendo um questionário sobre padrões de uso de mídias sociais e um questionário de caracterização familiar. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são considerados riscos mínimos, já que as atividades envolvidas não intervêm na saúde física, psicológica ou social dos participantes. Entretanto, eles podem sentir cansaço, aborrecimento ou desgosto ao preencherem os questionários, para evitar esses sentimentos o pesquisador se propõe a auxiliar no preenchimento da pesquisa e salienta que os participantes podem desistir a qualquer momento, além de garantir o sigilo de todos os envolvidos. A pesquisa pode ajudar a identificar o nível de autoestima dos adolescentes e fornecerá um panorama a respeito do quão significativo é as relações parentais neste contexto, elucidando as famílias da importância dessa relação. Outro benefício indireto é sobre o uso das mídias sociais, apresentando dados a respeito do conteúdo que os adolescentes mais consomem, em quais mídias sociais permanecem por maior quantidade de tempo e como eles percebem que a interação por esses meios de comunicação está influenciando na forma como eles compreendem sua estima. Tudo isso poderá auxiliar no planejamento de intervenções nas escolas, nas relações familiares e na criação de políticas públicas, com o objetivo de fomentar boas práticas em saúde mental.

Para participar desta pesquisa, o menor sob sua responsabilidade e você não irão ter nenhum, nem receberão qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se o menor tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com ele nesta pesquisa, ele tem direito a buscar indenização.

Ele terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Você como responsável pelo menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação dele a qualquer momento. Mesmo que você queira deixá-lo participar agora, você pode voltar atrás e parar a participação a qualquer momento. A participação dele é voluntária e o

fato em não deixá-lo participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que ele é atendido. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a participação do menor não será liberado sem a sua permissão. O menor não será identificado em nenhuma publicação.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos com para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em deixá-lo participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20___.

_____

Assinatura do (a) Responsável

_____

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Juana D'Arc Oliveira Guerra
Campus Universitário da UFJF
Programa de Pós-graduação em Psicologia - Instituto de Ciências Humanas
CEP: 36036-900
Fone: (32) 9 99031642
E-mail: juana.guerra@estudante.ufjf.br

ANEXO F

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **"**Autoestima de adolescentes, mídias sociais e família: um estudo exploratório**"**. O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é compreender o nível de autoestima dos adolescentes, considerando as diversas influências que este público recebe atualmente das mídias sociais. Nesta pesquisa pretendemos identificar as associações entre a autoestima de adolescentes e o engajamento nas mídias sociais e investigar como os estilos parentais correlacionam com a autoestima destes jovens.

Caso você concorde em participar, responderá uma escala sobre autoestima, uma escala de estilos parentais e um questionário sobre padrões de uso das mídias sociais. Posteriormente, um de seus responsáveis será convidado a participar também, respondendo um questionário sobre padrões de uso de mídias sociais e um questionário de caracterização familiar. Esta pesquisa tem alguns riscos, que são considerados riscos mínimos, já que as atividades envolvidas não interferem na saúde física, psicológica ou social dos participantes. Entretanto, eles podem sentir cansaço, aborrecimento ou desgosto ao preencherem os questionários, para evitar esses sentimentos o pesquisador se prontifica a auxiliar no preenchimento da pesquisa e enfatiza que os participantes podem desistir a qualquer momento, além de garantir o sigilo de todos os envolvidos. A pesquisa pode ajudar a identificar o nível de autoestima dos adolescentes e fornecerá um panorama a respeito do quanto as relações entre pais e filhos são significativas nesta fase da vida, expondo para as famílias a importância dessa relação. Outro benefício indireto é sobre o uso das mídias sociais, apresentando dados a respeito do conteúdo que os adolescentes mais consomem, em quais mídias sociais permanecem por maior quantidade de tempo e como eles percebem que a interação por esses meios de comunicação está influenciando na forma como eles compreendem sua estima. Tudo isso poderá auxiliar no planejamento de intervenções nas escolas, nas relações familiares e na criação de políticas públicas, com o objetivo de produzir boas práticas em saúde mental.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causa das atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão

à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20____.

E-mail: juana.guerra@estudante.ufjf.b

_____

Assinatura do (a) menor

_____

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Juana D'Arc Oliveira Guerra
Campus Universitário da UFJF
Programa de Pós-graduação em Psicologia -
Instituto de Ciências Humanas
CEP: 36036-900
Fone: (32) 9 99031642

ANEXO G

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO

Eu **Juana D'Arc Oliveira Guerra,** responsável pelo projeto de pesquisa intitulado "Autoestima de adolescentes, mídias sociais e família: um estudo exploratório ", declaro cumprir com todas as implicações abaixo:

Declaro:

a) Que o acesso aos dados registrados em bases de dados para fins da pesquisa cientifica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética;

b) Que o acesso aos dados será supervisionado por uma pessoa que esteja plenamente informada sobre as exigências de confiabilidade;

c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;

d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;

e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados de pesquisa;

f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista no protocolo;

g) Que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, assino este termo para salvaguardar seus direitos.

Juana D'Arc Oliveira Guerra
Campus Universitário da UFJF
Programa de Pós-graduação em Psicologia - Instituto de Ciências Humanas
CEP: 36036-900
Fone: (32) 9 99031642
E-mail: juana.guerra@estudante.ufjf.br

Juiz de Fora ____de _____de 20___.

_____
Juana D'Arc Oliveira Guerra